

6.

Referências Bibliográficas

Antunes, Arnaldo, Fromer, Marcelo e Britto, Sergio, **Comida**. Disco: Jesus não tem dente no país dos banguelas, 1987.

Arendt, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 352p.

Augé, Marc. **Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994. 111p.

Barros, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2004. 85p

Barros, Manoel. Obrar. In **Memórias Inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003

Ciampa, Antonio da Costa. **A Estória do Severino e a História da Severina. Um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 242p.

Costa, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

Gomes, Patrícia Kirts. Da **escrita à imagem, da fotografia à subjetividade: ensaios fotográficos no contexto da reestruturação bancária**. Sub-projeto de pesquisa. Programa de Pós Graduação Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. p.1-8.

Gullar, Ferreira. **Poema Sujo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Lewkowicz, Ignácio. **Historización de la institución materna: violencia e desamparo**. www.estudiolwz.com.br , 2003. 6p.

Maia, Maria Vitória M. **Rios sem Discurso: reflexões sobre a agressividade da infância na contemporaneidade**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

Montenegro, Oswaldo. **Temos todos a mesma história**. <http://oswaldo-montenegro.lettras.terra.com.br/lettras/189467/>

Neiva-Silva, Lucas; Koller, Sílvia Helena. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia**. *Estud. psicol. (Natal)*. [online]. jul.dez. 2002, vol.7, no. p.237-250.

Pelegrino, Hélio. Pacto Edípico e Pacto Social. In Luiz Alberto Py et al. **Grupo sobre grupo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p.195-205.

Quintana, Mario. O Mapa. In **Apontamentos de história sobrenatural**. Porto Alegre: Globo, 1976.

Reis, Nando. **Os Cegos do Castelo**. Nando Reis & Os Infernais, Universal Music, 2004.

Santos, Aline De Leo; Vilhena, Junia. Clínica em Comunidades: um desafio contemporâneo. Clínica Psicanalítica e novas formas de subjetivação. **Tempo Psicanalítico**: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, SPID, 2000. p.9-35

Santos, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Soares, Luiz Eduardo; Bill, MV; Athayde, Celso. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. 295p.

Sousa, Edson Luiz André. Utopias como âncoras simbólicas. p. 65 In Fonseca, Tânia G. & Kirts, Patrícia G. (orgs.) **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003

Sousa, Edson Luiz André. Cidades de morar, cidades de sonhar. In Vilhena, J., Castro, R. V. e Zamora, MH. **A cidade e as formas de viver**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005 p. 11-18

Sater, Almir e Teixeira, Renato. **Tocando em Frente**. <http://almir-sater.letras.terra.com.br/letras/44082/>

Spink, Peter. **Um lugar para o lugar na psicologia**. ANPEPP – Grupo de Trabalho Cotidiano e Práticas Sociais (mimeo) 25p.

Valadares, Jorge C. **Qualidade do espaço e habitação humana**. Ciência e Saúde Coletiva, 5(1):83-98, 2000.

Vergne, Celso. **A história dos rostos esquecidos. O olhar oficial sobre as favelas cariocas**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Puc-Rio, 2002.

Vilhena, Junia. **Ta tudo dominado? Cidade, segregação e subjetividade**. In: VILHENA, J. (org.) *A Clínica na Universidade. Teoria e Prática*. São Paulo:Ed. Loyolla/PUC, 2004. pp 95-112.

Vilhena, Junia. **Da claustrofobia a agorafobia. Cidade, confinamento e subjetividade**. In: *Revista do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ., 2003. vol. IX. pp. 77-90.

Vilhena, Junia. **Da cidade onde vivemos à uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade.** *Pulsional Revista de Psicanálise*. XV, 2002, n. 163. pp. 48-54.

ANEXO

Ariela

I – Vamos conversar então, o que tu entendeu e quis fazer...

A – Eu entendi que você pediu para eu tirar fotos que, assim, situações ou pessoas que eu visse a minha comunidade. Aí eu pensei assim, eu não sei se eu vou conseguir explicar. Essa da bolsa, por que eu vejo a minha comunidade como uma bolsa? Por que existe algo dentro desta bolsa, mas para que se conheça o que está dentro desta bolsa precisa alguém abrir esta bolsa, pra encontrar o que aí dentro também. Então eu acho que Água Mineral é assim também, existem muitos valores, existem muitas coisas boas dentro de Água Mineral, mas a gente só vai descobrir se alguém tentar abrir essa bolsa, se alguém tentar descobrir essas coisas, se continuar da forma como tem sido as pessoas, elas não gostam de morar aqui, reclamam daqui e não fazem nada para mudar. Água Mineral, se continuar assim, vai continuar uma bolsa fechada, parada num lugar.

Eu tirei a foto deste ônibus por que é um ônibus que ta indo pra Niterói, né. As pessoas que moram aqui, a maioria trabalha em Niterói ou no Rio , então não muita fonte de renda aqui assim, trabalhadores que trabalham aqui, são poucos.

I – é um lugar de passagem?

A – É.

I – ainda ontem eu estava andando pela rua e apareceu uma cena que me chamou muito a atenção, por que tava muito movimentado, deve ser sempre assim, mas ontem me chamou atenção o quanto estava movimentado, caminhão pra lá e pra cá e nesta rua principal, e um senhor estava na porta da casa, bem na hora passou um caminhão super rápido e ele ficou com um olhar... ele viu o caminhão chegando, passou e foi. E a primeira coisa que me passou foi isso, é um lugar de passagem, as pessoas tão indo ou vindo. E agora tu falou disso.

A – Aqui eu quis retratar assim, como as autoridades descartam esse lugar, por que uma vez eu ouvi, não lembro quem, se foi S.D., foi reivindicar a pavimentação das ruas e na prefeitura as ruas já estão pavimentadas, lá, para eles, já está tudo certo, mas aqui, pode ver, falta de saneamento básico...

I – a prefeitura acha, tem registrado que aqui já está pavimentado?

A – eu quis tirar essa foto para expressar isso.

O CIEP que é a única escola pública que tem, a maioria das crianças aqui estuda em escola pública, as pessoas são pessoas bem pobres, poucos são aqueles que têm condições de colocar os seus filhos numa escola particular. A maioria, as crianças todas estudam no CIEP, que tem jardim, educação infantil, desde 3, 4 anos até eles pararem, as crianças estudam em escolas públicas. Eu acho que retrata um pouco da pobreza do lugar.

Esse aqui é um trabalhador, pelas roupas dele, é um trabalhador típico de Água Mineral. A maioria é assim, tão indo pra trabalho de camiseta, de bermuda, alguns vão de sandália de dedo, então você vê que não é um lugar muito formal, você vê que não é um trabalho assim, como eu vou dizer, você não vê advogados, médicos, não é um trabalho de formação acadêmica, são trabalhos bem populares. A maioria dos trabalhadores aqui são peões de obra, pedreiros, caminhoneiro, mecânico, vendedor, outras profissões assim, mais de nível acadêmico, superior é muito difícil. Muito, muito difícil mesmo.

Retratando também a situação econômica, os carros aqui são todos assim, carros velhos, muito difícil as pessoas terem carros do ano, conseguirem um carro melhor. A maioria das pessoas só consegue carros velhos, de outra pessoa, de segunda mão.

Essa foto aqui eu tirei daquelas coisas que a gente tava conversando, né, da omissão das pessoas, um portão fechado. Todas as casas aqui são assim. Então acontecem situações que ninguém sabe, as pessoas às vezes tão precisando de ajuda, mas eles não se abrem pra falar e se se abrirem vão encontrar portões fechados. Não vão encontrar ninguém para contar e aqui em Água Mineral isso é muito típico, muito típico isso.

Esse aqui é o peixinho dentro do aquário. Eu acho que esse aqui é o monopólio de Água Mineral. Água Mineral ta presa num monopólio dos ricos que compraram, entre aspas, compraram Água Mineral. Compraram lugares que poderiam crescer pra gerar renda, pra gerar (??) e eles não abrem mão desses lugares, não vendem e não fazem nada nestes lugares e os lugares continuam parados, estagnados. Como é o exemplo ali da AmaGata (?), o pessoal que comprou que comprou a Estância (onde tem fonte de água mineral).

I – E Água Mineral é o peixe? Preso nesse aquário.

A – é o peixe preso dentro desse aquário.

Essa aqui eu tirei, eu olhei ela subindo a escada e falei “pó, uma criança consegue, é uma criança, mas consegue fazer coisas complicadas, como por exemplo subir uma escada sozinha”. E Água Mineral é praticamente uma criança, uma comunidade jovem, uma comunidade nova. Ela não tem feito nada, mas ela poderia fazer algumas coisas, poderia mostrar algum tipo de independência, de autonomia, só que as pessoas ainda não se despertaram para isso. Mesmo sendo uma comunidade pequena, ela pode se desenvolver, ela pode dar passos.

Aqui, uma criança aprendendo com o mais velho. Água Mineral pode aprender com outras comunidades também (??), ela pode aprender como trabalhar, como se desenvolver com outras comunidades.

Isso aqui eu tirei, foi numa tarde, eu tirei para mostrar o verde.

I – onde é isso?

A – eu tirei daqui de cima, da minha casa.

Muito verde...

Essa foto aqui, são as mãos de uma mão idosa, trabalhando. O que é característico de Água Mineral, você não vê jovens trabalhando por nada aqui, você vê os mais velhos, como o SD, como o SG, os mais velhos se unem pela melhoria de Água Mineral, os mais jovens não.

I – por que isso acontece?

A – por que os mais jovens, eles não gostam de morar aqui, têm vergonha de morar aqui. Eles falam que Água Mineral é uma roça, que Água Mineral é roça. A noite eles não ficam aqui, a noite eles vão para outros lugares, eles não gostam de dizer que moram aqui, eles têm vergonha desse lugar e não fazem nada pra melhorar. Eles acham que esse lugar nunca vai crescer, nunca vai pra frente, e os mais velhos, como moram aqui mais tempo e até por conhecerem a história de Água Mineral, o que ela poderia ter gerado, eles se esforçam para isso, para que isso possa acontecer.

Aqui, eu vejo assim, esse momento é um momento novo, não sei se por causa do Pólo (grupo comunitário formado no projeto Bases de Apoio, uma iniciativa do Instituto Promundo e do CIESPI), que eu acho que o Pólo é a única iniciativa de desenvolvimento do lugar, por enquanto, e eu acho que esse é o momento de gestação do lugar, pode ou não, eu tenho muitas esperanças que nasça algo muito bom a partir desse projeto, a partir do projeto Bases aqui em Água Mineral. E é exatamente esse momento de gestação.

Aqui, o irmão mais velho dando a mãe à irmãzinha. Acho que Água Mineral deveria se unir, aprender... acho que ela deveria se unir às outras comunidades para aprender mais para estar tendo o apoio de outras comunidades que já são mais antigas e que já estão um pouco mais a frente. Aprender com elas.

Quando eu olhei para essa árvore, eu pensei o seguinte. Água Mineral, ela tem uma história, minha vó sempre conta que, até outras pessoas contam que através dessa Estância, Água Mineral era muito movimentada, tinha um movimento, um fluxo de pessoas muito grande. Se isso continuasse, Água Mineral poderia ter, hoje poderia, de repente eles poderiam ter tratado da água da lagoa, poderia ter até um ponto turístico aqui dentro e não teve, por quê? Porque alguém que comprou aquele lugar não soube gerenciar e deixou acabar, deixou morrer. E eu sinto não só por ele, por esse monopólio, mas por muitas outras coisas, Água Mineral foi cortada, aquilo que ela tinha, que tava florescendo, foi cortado. E o ramo que ta nascendo, ele tem nascido cheio de espinhos. Os jovens que estão nascendo em Água Mineral, eles não têm o sonho de melhorar Água Mineral, eles têm o sonho de sair de Água Mineral, e muitos até prejudicam o lugar, trazendo o tráfico, se envolvendo em prostituição, eu acho que são os espinhos. O galho ta bem prejudicado, depois desse corte, ele foi bem prejudicado.

I – muito interessante o teu processo de construção. Logo que eu olhei as fotos, eu fiquei imaginando coisas completamente diferentes, então me impressionou muito.

Eu queria ver contigo, tu me deste um panorama geral das tuas fotos, das tuas imagens, das tuas escolhas. Dessas fotos todas, escolhe aquelas que mais representa Água Mineral, que a gente possa falar um pouco mais de Água Mineral, o teu jeito de olhar para esse lugar onde tu mora.

A – eu acho que essa aqui, se eu tivesse que escolher uma seria essa.(foto de uma grávida – barriga) Essa também. Talvez essa.

I – tu disseste, se tivesse que escolher uma seria esta, por que esta?

A – como eu te falei né, Água Mineral é um lugar, eu diria dessa forma, ta num momento de ser gerado e às vezes eu olho e parece que Água Mineral ta sendo gerada de vez em quando (??) porque muitas pessoas chegam, algumas pessoas saem e ela está brotando, ta brotando, mas não ta brotando de uma forma legal, as pessoas que estão chegando estão trazendo muitas coisas de onde elas vieram, por exemplo, o tráfico de drogas, a prostituição, não só pelos que vem, mas até as

peessoas aqui mesmo, jovens que estão crescendo, são jovens que cada vez menos se interessam por escola, jovens que cada vez menos se interessam pelos valores, pelos princípios da vida, de família, de respeito, são jovens que, você vê um grupo de jovens reunidos na rua, você olha e você pensa “poxa, daqui há alguns anos como será isso?”. Por que são jovens que não respeitam os mais velhos, elas não respeitam os pais, não respeitam as casas dos outros, eles não se respeitam, nem como grupo nem como indivíduo, e às vezes eu fico pensando como vai ser essa nova geração? Eu sei que isso não é só em Água Mineral, isso é geral, mas eu tenho visto isso, ta nascendo uma nova geração um pouco espinhosa, desinteressada, uma geração desinteressada, e se continuar assim vai ficar cada vez mais longe o sonho de ter um bairro melhor, o bairro vai ficar cada vez mais abandonado porque eles vão crescer e eles vão continuar tendo esse desejo de sair daqui e o que se faz aqui? Nada.

I – e aqui, onde está o teu olhar nesta fotografia?

A – aqui acho que ta na, ta não só nos trabalhadores, mas ta nos jovens também, por que esse cara não estudou, para ele estar, ele ta indo para um tipo de serviço que se ele estudasse ele poderia estar num tipo de serviço melhor. E eu vejo que muitos jovens estão indo para esse mesmo caminho. Eles chegam na 5^a. , 6^a. série e se desinteressam, alguns saem da escola e começam a trabalhar porque querem dinheiro, porque querem andar na moda, porque querem andar com roupa de marca, eles deixam a escola, abandonam a escola, começam a andar com galerinha, começam a se drogar, na maioria dos casos é isso, e a população está cada vez mais pobre, cada vez mais ignorante. Acho que isso... educação é tudo e os jovens não estão dando a mínima para isso.

I – E a comunidade oferece alguma coisa neste sentido?

A – não, também não. Assim, à eu fico pensando que a gente também não pode ficar julgando o que eles pensam por que eles falam “ah, final de semana aqui não tem nada. Então eu tenho que sair daqui pra poder me divertir”. Não tem colégio de boa qualidade também, então nada aqui interessa a eles. Nada aqui interessa a eles. E não sei se é por serem jovens, são acomodados, por que eu acho que se num lugar não tem nada que te interesse, se você gosta desse lugar, você vai trazer algo que te interesse para esse lugar, mas é mais fácil você sair daqui e ir pra um lugar que já tem pronto. “eu vou pra lá porque lá já tem pronto”.

I – tu ta falando de uma coisa bonita, que tem a ver com a nossa conversa, que é como construir esse vínculo com o lugar onde se mora? Por que tu ta dizendo que os jovens crescem aqui, mas não gostam daqui, querem sair daqui ou têm vergonha daqui. E o que faz querer ficar aqui e transformar isso aqui, é um vínculo com esse lugar, é fazer esse lugar significar alguma coisa. A gente pode conversar mais sobre isso depois.

A – essa foto, acho que é esse momento do projeto, do pólo, eu particularmente espero despertar pessoas de que Água Mineral pode ser diferente. E esse é o momento de gestação, a gente ta com ele aqui dentro. Água Mineral ta aqui dentro (barriga de grávida), a gente não sabe, a gente não viu a cara dela ainda, mas ta aqui dentro, como um filho, a gente não sabe como vai ser, mas a gente sabe que ele está lá. É como um sonho, a gente não sabe, a gente tem ele aqui dentro, mas ta esperando ele se concretizar, ele se materializar. E com essa coisa dos projetos, eu tava pensando até num time de futebol das meninas, seria uma iniciativa e outras, quando as pessoas começarem a ver que dá certo, que elas podem mudar alguma coisa, elas vão começar a ser despertadas, daqui há um tempo a gente vai ver mudanças, a gente vai ver esse bebê nascer.

I – tu ta me falando do teu jeito, do teu olhar, do teu jeito de ver esse lugar, como tu acha que quem não é daqui, quem não mora aqui em Água Mineral vê a comunidade. Como tu acha que ela é vista por quem não mora aqui.

A – acho que depende. Depende de quem é essa pessoa, como é essa pessoa. Acho que um jovem que chega acostumado a viver numa cidade movimentada vai chegar aqui e vai achar isso aqui um saco. Acho que qualquer pessoa ache... que Água Mineral é um lugar morto. Tem pessoas, todas as pessoas que eu tenho contato e que não são daqui, dizem “ah, aqui é muito ruim, porque o transporte aqui é ruim, porque o deslocamento aqui é praticamente impossível, aqui não tem mercado, não tem escola, aqui não tem nada”. Então acho que as pessoas acham esse lugar muito ruim.

I – é diferente de quem mora aqui?

A – não. A maioria das pessoas.... as pessoas até gostam de morar aqui, mas aqui existem muitas dificuldades. É aquela coisa, né, as pessoas são muito acomodadas, muito acomodadas, elas não correm atrás de nada.

I – e sobre a experiência de fotografar. Há uma semana, com a máquina (fotográfica), tu podia escolher as imagens que pudessem mostrar Água Mineral, o que significou para ti fotografar a tua comunidade?

A – foi assim, eu gosto muito dessa coisa de foto, de fotografar, eu gosto muito dessa coisa de fazer comparações. Como eu fiz a comparação aqui da bolsa, da árvore, gosto muito dessa coisa de você estar viajando e (??). esse momento todo da pesquisa, tá trazendo muita reflexão sobre o que é realmente Água Mineral, que a gente tem falado que Água Mineral nada e tem sido muito bom pra mim, esse momento das fotos foi muito bom, me fez pensar bastante... sobre a população, sobre o lugar, sobre o comportamento das pessoas, como elas se comportam em relação às dificuldades “ah, o lugar tem dificuldades, o lugar tem necessidades, mas tá bom assim, quando eu estiver bem, eu saio daqui”, as pessoas pensam assim. “ah, se eu tivesse um dinheiro, eu ia embora daqui, largava esse lugar, porque aqui é um lugar que tem dificuldades”, mas ninguém se interessa em melhorar o lugar. Eu acho sinceramente que para o lugar melhorar, as pessoas precisam melhorar. Para Água Mineral, que é o meu lugar, eu nasci aqui, moro aqui desde que eu nasci, então para Água Mineral mudar, a mudança tem que começar em mim, tem que começar na Ariane, para ver se eu consigo mudar outra pessoa, se eu consigo mudar meu vizinho, se eu consigo mudar os meus amigos, se eu conseguisse isso, eu ia conseguir ver Água Mineral mudar. Acho que foi bom para essa reflexão.

I – e em relação ao modo de ver a comunidade, houve alguma transformação, alguma interferência o fato de fotografar a comunidade?

A – eu acho assim, que continuou da mesma forma, né, porque antes de eu fazer isso, eu já tinha esse olhar, eu só coloquei em prática uma coisa que já existia, um pensamento que já existia, um olhar que já existia e que só reforçou essa idéia de que gente precisa fazer alguma coisa.

Acho que fazendo as pessoas, de uma forma geral, a comunidade se enxergar, trazer uma alerta “que lugar é esse que você mora?”, que lugar é esse, Água Mineral? Essa pergunta sempre me fizeram, por onde eu ia, se eu fosse procurar um emprego, até se eu ia me matricular em escolas aqui em São Gonçalo, quando eu falava “eu moro em Água Mineral”, “o que é isso?”, “que lugar é esse, Água Mineral, onde é isso?” eu acho que é necessário fazer essa pergunta para o morador de Água Mineral, “que lugar é esse, Água Mineral?”

I – por que é necessário?

A – por que eles não sabem, por que na mente deles Água Mineral é realmente um nada, é aquele pedacinho entre o Colubandê e o Rocha. E eles incorporaram muito isso, “ah, Água Mineral é um pedacinho de chão, entre Colubandê e Rocha, que não tem nada e que nunca vai ter nada”. Eles não vêem “não, Água Mineral é um bairro”. De repente se a gente fizesse essa pergunta, eles conseguissem responder, porque eles não vão se responder, se a gente conseguisse responder para ele o que é Água Mineral. Água Mineral não é só um pedaço de terra entre Colubandê e Rocha, Água Mineral é o nosso lugar, é a nossa casa, nossa casa que a gente tem que cuidar, tem que correr atrás, a gente tem que buscar desenvolvimento pra cá.

I – para a gente finalizar, daquelas três fotos que tu tinhas escolhido, escolhe um nome para cada uma delas, pode escrever atrás. Quando a gente faz uma obra de arte a gente dá um nome, normalmente.

A – “A cara do nosso presente” (foto do rapaz indo trabalhar), “A espera de um novo momento” (foto da barriga de grávida).

I – tem mais alguma coisa que tu queira comentar, falar de cada uma das fotografias, da experiência de fotografar... se te surgiu alguma idéia...

A – acho que foi uma experiência única. Tirar essas fotos foi muito diferente de tirar fotos comuns, que a cada foto, milhões de sentimentos fluem dentro de você, fervem dentro de você, porque você olha, você registra um fato, você registra alguém e você pensa na sua comunidade em geral. Você ta globalizando aquilo ali num momento, então é muito forte isso. A cada foto era muito forte. E particularmente, quando eu vi esse troço cortado, eu como que viajei, parece que eu fui lá atrás e eu vi aquilo tudo, há anos atrás, quando esse lugar tava começando ainda, esse passado, essa história que eu conheço voltou na minha mente e eu comecei a pensar isso, sabe, os sonhos dessa geração, dessas pessoas que moraram aqui primeiro, eles tinham o sonho de ver isso aqui melhor, desenvolvido, mas de repente foi cortado, foi cortado e uma árvore, mesmo que ela seja cortada ela nasce de novo, só que a gente não sabe como ela vai nascer, ela não nasce da mesma forma. Até um pé de mamão quando você corta, o macho, né, aí quando você corta, a minha mãe que falou isso para mim, que ele é de uma qualidade, quando você corta o pé de mamão, ele nasce de novo, mas ele nasce mamão macho, ao contrário do que ele era. Então quando você corta uma árvore

você não sabe como ela vai nascer, ela vai nascer em um outro tempo, levar um tempo para ela voltar.

I – e tu falou de vários sentimentos, foram quase vinte momentos de explosão de sentimentos... de que sentimentos tu está te referindo?

A – de apego ao lugar, muitas vezes de revolta pela situação, poderia ser diferente, poderia ser melhor, de conscientização... acho que não é conscientização a palavra certa, assim, eu caí na real de “pô, o que que eu fiz também, o que eu tenho feito, será que eu tenho colaborado pra que lado? Será que quando meus amigos falam que esse lugar é horrível, será que eu falo o quê? Será que eu tenho concordado, ah é isso mesmo, não tem jeito”. Reflexão e esperança, acho que esperança foi o sentimento que foi mais forte, não ta assim, mas a gente pode mudar, a gente pode construir algo novo.

I – quem sabe outras fotos virão. Outras imagens. Muito legal mesmo e muito obrigada.

Clara

I – Eu queria C. ouvir de ti como foi para ti este processo de estar com uma máquina fotográfica na mão e olhar para a tua comunidade, que questões aparecerem para ti neste processo?

C – no início, “o que que eu vou fazer com essa máquina?” eu peguei para bater foto, mas foto do quê? E aí eu fiquei uns dias pensando, aí eu comecei a só olhar para a comunidade, talvez de um olhar que eu nunca tivesse visto e para mim foi bastante proveitoso. Eu fiz uma coisa que eu nunca tinha feito. Que realmente ver aonde que é bom mesmo, aonde que é ruim, o que que pode melhorar. Eu gostei. Assim, talvez eu não tenha feito o máximo. Eu queria fazer mais , até queria tirar foto de um lugar, mas ia ficar um pouco difícil de eu ir lá, neste lugar.

I – qual é este lugar?

C – de noite na escola, do CIEP ali. Mostrar o interesse das pessoas que moram aqui dentro, adultas, o interesse delas aprenderem, mesmo depois de adultas elas querem estudar, eu acho isso legal, não é para qualquer um. Eu conheço uma pessoa que tentou, começou, mas não conseguiu terminar, não está até hoje. Então para quem está lá eu acho bastante legal, eu queria mostrar isso.

I – tu estás falando de uma foto que tu não conseguiu tirar, mas o teu olhar ta lá. Ta voltado para aquilo lá. Está voltado para aquilo lá.

E que questões (coisas) apareceram para ti sobre Água Mineral, tu disse “eu olhei de um jeito que eu nunca tinha olhado, umas coisas boas, umas coisas ruins” o que te ocorreu sobre Água Mineral?

C – eu vi o CIEP como um lugar muito importante para as crianças da comunidade. Depois da família é a segunda base delas. Então eu fotografei o CIEP, mostrei o quão importante ele é aqui para a gente, foi importante para mim porque eu já estudei lá e eu mostrei a juventude da comunidade, mostrei que a comunidade é uma comunidade jovem, que tem bastante crianças e que daqui há alguns anos serão adolescentes e precisam construir o seu futuro e daqui mais alguns talvez estejam com um pensamento bem melhor do que existe hoje... porque a tendência quando o lugar é jovem é sempre progredir para o melhor. Então eu vi bastante jovens, mais crianças. Enfatizei a Biblioteca, a grande importância, porque para o jovem ter um futuro melhor, ele precisa de uma

educação melhor hoje, então a Biblioteca faz parte disso. Como eu ouvi uma pessoa dizendo na comunidade, as crianças da Água Mineral estão sendo preparadas para transformar o município de São Gonçalo. Foi bastante legal.

Eu consegui fotografar (...) uma questão de leitura. Aqui no município as pessoas não gostam muito de leitura, então a gente está preparando as pessoas daqui para ajudar as pessoas de fora do bairro. Eu consegui ver que aqui nós não temos muitas famílias bem sucedidas na vida, e que estas que não são bem sucedidas elas tentam, de uma forma ou de outra, vencer, no sentido financeiro e aí eu fotografei uma pensão de uma pessoa que com muito custo ela leva a sua vida e depende daquilo ali para viver.

Eu fui num lugar bem alto e pegar uma foto legal da comunidade, bem lá para baixo. Eu enfatizei a parte dos morros, das matas que eu acho fascinante, acho que é a melhor parte do lugar é esse mato, esses morros, esse verde. Eu gosto muito. Eu sei que eu queria que as pessoas valorizassem isso. Por que eu odiaria ter que morar no centro do Rio e só ver prédio, prédio.

I – tu acha que quem mora aqui em Água Mineral consegue valorizar isso?

C – Sinceramente eu acho que não. Acho que as pessoas só conseguem valorizar quando perdem. Eu valorizo porque eu já perdi, nem sempre eu morei aqui, eu morei também num lugar que só tem casa e prédio e por isso que eu gosto, então acho que as pessoas não se importam muito quando colocam fogo aqui no morro.

I – tem muita queimada aqui, né?

C – tem, muita. Até há pouco tempo não.... bastante tempo eles não colocam fogo e eu gosto.... eu noto a diferença com certeza. Eu só não notam quando eles colocam, eu noto quando eles não colocam. Eu observo. Todos os dias eu levanto e olho assim, tinha até uma árvore que eu gostava muito, era um eucalipto que tinha ali que veio um raio e derrubou a árvore. Então eu noto, até hoje eu não vejo aquela árvore, eu fico triste. Mas todos os dias eu levanto e agradeço muito a Deus por ter essa vista muito bonita. Não é das melhores, mas é bonita.

E eu focalizei também um lado governamental que é...perto de um hospital a estrada é totalmente, é até difícil de se passar com veículos por ali. Mas eu tb consegui fotografar a parte de jardinagem da prefeitura, eles limpando a rua.

(estava falando tudo isso sem ver as fotos)

I – como tu acha que quem mora aqui, um morador de em Água Mineral, olha para este lugar? Se tivesse que definir Água Mineral?

C – eles? Eles não gostam, dizem que Água Mineral é muito parada, que não tem nada, que é buraco. Tem sim os seus defeitos, realmente tem, mas tem uma qualidade que eu prezo muito que aqui não vinga o crime, a criminalidade não vinga. Claro que a gente sabe que todo o lugar tem, mas não é tão grande como na maioria dos outros lugares. E isso é privilégio.

I – e por que tu acha que não vinga?

C – por que aqui é um lugar que não é fechado, tem duas saídas, saída pelo macro e saída pelo Rocha. Então, não é que nem morro, que a polícia fecha e eles estão lá. Aqui não tem como fechar, então não vinga por causa disso. Tem um lá um ou outro, mas não é aquela coisa que a gente vê tipo Rocinha, morro mesmo, graças a Deus. Mas as pessoas não valorizam, sinceramente. Ao meu ver elas não valorizam o ótimo lugar que é isto daqui. Precário, porque nada é perfeito, né, precário em algumas coisas, mas muito bom em outras coisas. Eu esqueci de falar esta parte, eu focalizei uma foto que mostra a necessidade espiritual das pessoas, eu fotografei uma pessoa estudando a bíblia. É um estudo bíblico. Todo mundo tem uma necessidade espiritual, uma necessidade de adorar alguma coisa ou alguém, então eu procurei ver este lado também, que as pessoas (...) para poderem se consolar com seus problemas.

I – Água Mineral tem muitas igrejas, né C.?

C – Tem, tem. Eu acho, de acordo com um estudo que foi feito por uma Base, por um vizinho meu, tinha 10. eu não consegui contar isso tudo não. Ele diz que tem, Ariane diz que tem, e eu acho que tem né. Eu contei mais de 5. mas tem bastante. É o que mostra que as pessoas realmente procuram né, porque se as pessoas não fossem dadas ao cristianismo, ao catolicismo, não importa o que seja, aqui não vingaria muito isso, porque as pessoas não iriam procurar.

I – é um lugar bem religioso.

C – é bem.... acho que tem mais cristão, evangélicos do que católicos, mas é bem diversificados, tb tem espíritas, mas é um lugar bem diversificado em questão de religião.

I – e as religiões convivem harmoniosamente umas com as outras ou há tensão, não sei se tu tens como avaliar isso.

C – olha, eu vejo pessoas de outras igrejas visitarem outras igrejas, vejo, conheço meus colegas de trabalho eles fazem isso, um visita a igreja do outro. Bem quando eu faço o meu serviço, de ajuda, de estudo bíblico com as pessoas, eu consigo ver

, não sei se vc reparou, eles não são muito adeptos, mas das outras, tirando a minha, eles freqüentam uns a igreja dos outros.

I – porque será que isso acontece?

C – (...)

I – bom, outra coisa que eu tenho pensado muito, que eu queria tentar entender melhor é a questão de Água Mineral não existir no mapa da cidade. O que significa isso para ti, ou ouvir isso, se dar conta disso? Isto significa algo para ti, ou impacta de alguma maneira a tua vida ou a forma de viver aqui neste lugar? O que significa isso, Água Mineral não existir no mapa da cidade.

C – huhum... não sei, talvez as pessoas achem, as responsáveis por isso, eles não vão aos lugares mesmos, os bairros propriamente ditos para ver se realmente merece ser chamado de um bairro ou não. Eu acho que eles fazem por fazer. eles não se preocupam muito em se visitar. (...) Aqui é parte...praticamente tudo aqui é Colubandê, só que é uma área do Colubandê que é esquecida pelo Colubandê por ser distante, então é como se nós não fôssemos deles, do Colubandê. Então, por ser distante as próprias pessoas se formaram numa comunidade, um bairro. Eu acho ridículo não ser considerado um bairro.

(...) elas sabem que não existe (a comunidade no mapa) porque qualquer lugar que você chega para dar o seu endereço, num hospital, o município é dividido por áreas, números, né, então você fala “eu moro em Água Mineral”, porque todo médico pergunta, vai fazer o papelzinho lá que eles preenchem e “ah, onde você mora?” “Água Mineral... Colubandê”. Então as pessoas sabem que Água Mineral não existe para outros que não, que nunca vieram por aqui...

I – então ter que responder para alguém onde mora e dizer que mora em Água Mineral é a mesma coisa que dizer....

C – é o mesmo que falar outra língua, porque as pessoas não sabem o que é.

I – não adianta dizer que mora em Água Mineral?

C – não, não adianta.

I – vocês acabam se referindo a outro lugar. Para se fazer conhecido. daí a minha pergunta seria se tu já passou por alguma situação dessas.

C - Eu já passei várias vezes, várias. Tanto no hospital, quanto dar o endereço em qualquer outro lugar para fazer qualquer outra coisa é Colubandê que eu falo, não falo Água Mineral. Eu teria muito orgulho de falar Água Mineral , mas por enquanto este orgulho não pode ser concretizado, tem que falar Colubandê.

Se você não pode dizer com clareza onde é o lugar onde vc mora

C - O sentimento deve ser igual o meu, um tipo de inutilidade, mais ou menos inutilidade, poxa eu moro num lugar que ninguém sabe onde é. Tenho certeza que as pessoas não gostam disso. É estranho, a gente se sente fora do contexto. Dizer que você mora num dentro da cidade que ninguém conhece, se sente um alienígena. (risos) então eu acho que as pessoas se sentem assim também. É uma boa pergunta, eu vou perguntar isso para algumas pessoas que eu conheço.

I – se Água Mineral fosse conhecida, o que mudaria?

C – o que mudaria? mudaria o orgulho. Com razão, eu me sentiria orgulhosa de dizer “eu moro em Água Mineral”, mudaria assim... vai criar um impacto porque a partir do momento em que se torna conhecido, o nome se torna conhecido, se torna conhecido o tipo de lugar que é. Então depende muito, como as pessoas vão olhar para Água Mineral? É um lugar legal? É um lugar ruim? Tem muito isso? Tem muito aquilo de ruim? Então eu queria que fosse, mas como todo mundo, como um lugar bom, um lugar legal de se viver. Eu sentiria orgulho disso. Mas mesmo se tivesse uma má fama, eu sentiria orgulho porque essas pessoas que só ouviram dizer quantas não mudariam sua opinião se viessem ficar uma semana aqui? Principalmente as pessoas que moram perto de estrada, onde passa muito carro, que quase não tem sossego, tem muito barulho. Principalmente de noite isso aqui é.... eu que já sou quieta, não gosto muito de sair, eu amo. Tem gente que odeia, né?! Eu gosto, não me incomodo de ficar aqui. Tem barulhinho de grilo, gosto muito. E eu tenho certeza que a pessoa que ouviu dizer mal da Água Mineral vai passar uns dias aqui vai gostar, mas tem que vir de coração aberto, não tem que vir com preconceito já, com um pré conceito que é ruim, tem que vir com o coração aberto, não tem que ficar pensando “ah, vou lá, eu sei que é ruim mesmo” e já vim com o coração fechado e não deixar entrar o que é bom. Tem que vir com o coração aberto.

(...) pessoalmente eu não gosto do ditado “fale mal, mas fale de mim”, para a minha pessoa, para mim tem que falar bem, falar mal eu não gosto, prefiro que não fale, mas com respeito a comunidade eu já penso diferente, tem que ser sim conhecida por outros, mesmo que fosse mal conhecida, mas que fosse conhecida.

I – como tu acha que Água Mineral é vista por pessoas que não moram aqui?

C - olha, as pessoas que já conhecem só de falar mesmo da Água Mineral, todo mundo fala apavorado, olham como um buraco, como um lugar que não tem nada,

peessoas que nunca vieram aqui, falam que é isso.... mas as pessoas que conhecem... acho que as pessoas que nunca vieram aqui, só de ouvir falar não tem um bom relato não.

II momento da entrevista

I – então eu queria conversar contigo sobre como foi esse processo de fotografar, se tu acha que responder a pergunta “ que lugar é esse, como que vejo o lugar onde eu moro?” e eu queria que tu me falasse um pouco de cada uma das fotografias e aí a partir das fotografias, eu vou te fazendo algumas perguntas que venham da tua própria fala...

C – vamos começar pela parte boa, né? Bom, huuummm ... parte boa, aqui eu quis retratar bastante esse verde que acontece aqui, como dessa (foto), Água Mineral não é uma favela, mas um pouco porque, um pouco diferente, é uma comunidade que necessita de apoio, bastante apoio, mas não é uma comunidade onde se diz que é favela, tem bastante morro, mas 10% destes montes, não são morros, montes, são ocupados e esse verde me cativa muito, gosto muito deste verde. A gente tem um Horto, da prefeitura, tem alguns brinquedinhos lá, mas é um espaço que tem área de lazer, pode se chegar, (...) temos uma Associação de Moradores que... digamos assim, é uma estrutura, como se fosse uma prefeitura, então é a prefeitura do bairro a associação de moradores, então acho importante ter uma associação em cada comunidade, onde tem alguém competente que posse se recorrer quando necessita de algum serviço. Tem um PSF (Programa de Saúde da Família), que fica dentro da Associação de Moradores, que é bastante importante você ter um núcleo de saúde próximo de casa para você poder recorrer até mesmo em uma ocasião de emergência mesmo e não ter que pegar uma condução para poder se medicar, para poder pegar um medicamento. Então isso facilita bastante. Temos uma Biblioteca comunitária que é realmente... importante para o desenvolvimento, ela é infanto-juvenil e hoje o que todos nós devemos procurar é fazer o jovem, desde criança gostar de ler, por que a gente vê que de um tempo para cá isso vem se perdendo, então quanto menos recursos a comunidade tem, menos acesso aos livros também. Então é importante uma biblioteca, os jovens daqui, uma quantidade razoável de crianças e jovens daqui sabem que existe essa biblioteca então sabem que existe recurso na comunidade que eles podem

recorrer, se eles vão fazer aí já é consciência de cada um. E.... o que mais... um comunidade jovem, bastante jovem. Nós temos o CIEP, é um núcleo de estudos para crianças do maternal até a 4^a. série e é a demanda da comunidade porque a maior quantidade é de crianças pequenas então é muito importante esse CIEP aqui, porque a maioria dos CIEPS hoje, eles são de 5^a. série para cima.... são raros os CIEPS que têm esse maternal até a 4^a. série porque este não é o foco principal do governo. A diretora tem mantido este trabalho, lutado muito para poder manter essas crianças dentro do CIEP, e são muitas, muitas, jovens... a comunidade é uma comunidade jovem, muitas crianças... crianças são o nosso futuro, né.

Aqui, isto aqui, eu não me lembrava dela, isso aqui é perto de um feriado que eu não me lembro, este aqui é o tapete da escola, eles fizeram um tapete, desenharam árvores, as crianças próprias que desenharam o seu tapete, cada um, eles expuseram lá no pátio e cada um via.

Deixe-me ver.... ah, aqui, a biblioteca também promove oficinas de contação de histórias e aqui é até mesmo um encerramento de um projeto que estava acontecendo de contadores de histórias e aí nesse encerramento estavam as crianças, foram contadas histórias, a história do chapeuzinho vermelho, com fantoches montados pelos próprios alunos deste curso, deste projeto. Então, digamos que praticamente tem sempre uma atividade para as crianças, uma atividade de contação de história, de lazer, divertida, onde elas podem brincar (...)

(aponta para uma foto)

I – o que tem nesta foto, onde estava o teu olhar nesta foto?

C – aqui assim, neles três aqui assim, essa brincadeira de criança, esse rir, criança rindo é prazeroso ouvir, ver uma criança sorrir, então isso me chamou bastante atenção. E por mais que tenha seus altos e baixos é uma comunidade feliz até mesmo por não enfrentar muitos pontos baixos que uma favela enfrenta.

I – como assim?

C – criminalidade que aqui isso garças a Deus não vinga, todo lugar tem, a gente corre risco, mas aqui não vinga estas coisas, então eu digo que a comunidade é feliz por isso. Não tem essa preocupação assim direta, de manter tudo fechado por causa da criminalidade.

Ah, essa foto aqui olha, ela mostra uma parte um pouco ruim mas mostra que, é, partindo um pouquinho do bom pro indo... descendo... mostra.... eu lembro que eu tirei uma outra foto que englobou isto aqui.... esta aqui mesmo.... aqui, as pessoas não tem emprego, então elas se viram do jeito que elas podem. Esta aqui é uma pensão de comida caseira. Cada um faz um pouquinho, uns fazem pintura para vender, outros fazem bolo, torta, outros fazem comida para vender, é bastante amplo esta questão de pensão aqui na Água Mineral. Porque tem as empresas né, que embora não contratem funcionários que sejam da comunidade, mas gera uma renda, porque as pessoas têm que comer, então as pessoas que trabalham com comida caseira se dão bem nesta área.

I – deixa eu entender melhor isto. Tem empresa em Água Mineral, ao redor, como é?

C – tem, tem hospital, que embora não pertença a Água Mineral, está muito próximo à Água Mineral e tem uma usina de manilha, essas manilhas de correr água de esgoto, dizem que é de asfalto, mas eu nunca vi sair asfalto dali, eu vejo eles fazerem manilha, tem o frigorífico, tem o Macro, a CEASA, então são coisas que estão muito perto mesmo de Água Mineral e que não contratam os funcionários daqui.

I – o morador de Água Mineral não faz parte das equipes destas empresas...

C – digamos que somente 10%.

I – por que isto acontece, tu tens alguma idéia sobre isto?

C – não eu nunca parei para pesquisar isto, isto vem antes de mim mesma, então nunca consegui ter esta resposta.

I – mas ao mesmo tempo Água Mineral se beneficia de alguma maneira de ter estas empresas por perto...

C – huhum.. porque vende o seu serviço para estas empresas que é a alimentação.

As pessoas procuram comer perto do seu trabalho, né, para não perder tempo.

Outra parte que eu vejo que é deixada de lado pela prefeitura mesmo, pelos governos, deixada de lado, por exemplo nesta rua que dá acesso a um Hospital Geral, um hospital estadual, uma rua, precariedade, lama, buracos onde não se passa mais Ônibus por aqui, porque ta neste estado...

I – o acesso ta super difícil.

C – e isso já tem um tempo.... aqui também, a gente vê o esgoto descendo a céu aberto, aberto mesmo, pela rua afora... descendo o esgoto. Tem essa foto, e tem uma que mostra a própria caixa, lavando, jorrando água...

I – o que tu quis mostrar aqui, o que está aparecendo? O que fica evidente aí?

C – a falta de carinho, de um olhar, falta de olhar, zelo, cadê o olhar? Eles não olham para cá.

I – eles quem?

C – eu não digo que eles não olham porque eu tirei uma foto aqui que eles estão fazendo uma obra na rua...

I – eles tu está chamando quem?

C – os governos. Eles olham, mas não olham como deveriam olhar. Olham só para dizer que olhou, assim, dá uma olhadinha rapidinha, ah, vá, faz aquilo lá rapidinho, mas tem muitas outras coisas que eles poderiam olhar, mas não olham.

I – como por exemplo....

C – o saneamento, as outras ruas sem ser a rua principal, as outras ruas que precisam de asfalto.

Esta aqui eu quis representar uma criança em frente ao colégio, e em frente a esse colégio é uma rua principal que dá acesso a dois bairros muito importantes, uma rodovia e um bairro movimentado, aqui passa caminhões e correm muito e não tem um quebra mola na frente da escola, muito menos um sinal de trânsito. Fizeram obra nesta rua principal, tinha dois quebra-molas, um em frente ao outro que era antes da escola e outra depois da escola, mas bem depois, fizeram obra tiraram o quebra mola e quando foi pedido para colocar o quebra mola eles disseram que não tinham permissão para colocar, eles tinham permissão para tirar, mas não para colocar? E aí ta pior ainda... os carros sabem que não tem mais quebra-mola passam correndo mesmo. Eu mesma tinha me esquecido que não tinha mais quebra mola “ah, sei que ele vai parar um pouquinho ali, dar uma freada, diminuir e quando eu vi ele já tava em cima, aí eu lembrei, não tem quebra mola”.

I – (...)

C – como eu falei, é uma comunidade jovem. Tem uma escola que cuida das crianças, zela pelas crianças, não tem, os pais não tem que se preocupar de ter que ir para um lugar longe para poder levar as crianças pequenas porque tem uma

escola que cuida, e é uma comunidade jovem, de crianças mesmo, que ta crescendo, que é pequenininha, é bebê ainda esta comunidade.

I – sabe quantos anos tem Água Mineral?

C – não. Sei que a minha família está aqui há uns 20 anos. Mas ela não passa dos 50 não.

I – quando tu fala “nós não somos uma favela, embora a gente tenha morro aqui”, que diferença é essa que tu estabelece entre a favela e Água Mineral, se Água Mineral não é favela, o que é uma favela para ti, e o que é Água Mineral?

C – posso, devo estar falando a maior abobrinha do mundo, mas é a minha opinião, para mim, favela é um aglomerado de casas em cima de um lugar alto, que você só vai subindo, subindo, subindo, até não ter mais para onde subir. Então esta parte aqui, ela demonstra mais este aglomerado de casas, mas se a gente for observar, são ruas, não são aglomerados. Aqui é uma rua que vem para cá, acaba aqui, e que vem para cá e que sobe outra para dentro deste grotão aqui para trás, então aqui ele começa a subir, mas eu não quero acreditar que daqui há alguns anos isso aqui vai estar cheio de casa, não acredito que seja assim, porque ainda tem muitos lugares baixos que pode se fazer casas.

E eu quis mostra mesmo esse verde, que é tão difícil a gente ver nos centros, um verde, um ar diferente, um espírito diferente. Esta até é uma rua ajeitadinha, asfaltada. Sei lá, qual é a comunidade que não tem os seus pontos altos e seus pontos baixos até mesmo de estrutura física, tem os seus pontos altos, mas nos seus pontos altos as casas, elas procuram ser arrumadinhas. Bem cuidadinhas, cheias de plantas na frente das casas, com ruas mesmo, algumas são pavimentadas outras não.

I – dessas fotos todas C. tem alguma, ou algumas fotos que para ti é “aqui está Água Mineral como eu vejo” ?

C – eu vejo Água Mineral assim, uma comunidade jovem, dentro de uma escola, particularmente gosto muito desta foto aqui por causa deste verde, por causa deste céu, mostra um pouquinho as casas, um pouquinho aglomeradas, mas são casas. E... deixa eu ver o que tem aqui...uma comunidade jovem, que tem o seu potencial de desenvolver mais esse jovem por meio da leitura, uma comunidade verde.

I – que tem uma ligação com a natureza, talvez...

(...)

I – C. a gente tem aqui um conjunto de um pouco mais de 20 fotos, isso significou um processo de alguns dias, fotografando, que queria que tu me dissesse se esse processo significou alguma coisa para ti e o que ele significou?

C – eu nunca tinha parado para olhar a minha comunidade. Eu sempre fui uma pessoa meio desligada da vida, então eu nunca parei para olhar e quando eu me vi deparada com uma câmera fotográfica na mão eu, “meu deus, o que que eu vou fazer com isso?”, “o que que eu fotografar?”, “como é a minha comunidade?”, eu nunca tinha parado para ver, aí eu fui me descobrindo, fui descobrindo a comunidade, não me descobrindo, a comunidade onde eu moro. E hoje eu posso dizer que eu tirei bastante proveito, desse trabalho, esta oportunidade que eu tive de mostrar por meio de foto onde eu moro.

I – que tipo de proveito?

C – eu pude ver o que eu não vivo. Eu vi quais são as suas necessidades e quais são os seus pontos fortes, que às vezes eu acho que, na maioria das vezes eu acho que as pessoas, pessoas que talvez sejam que nem eu, que não parem para ver como realmente é, só escuto as pessoas falarem mal, ah aqui não tem nada, lugar parado... e hoje eu vejo que não é assim, e... uma coisa eu sempre vi, que foi sempre evidente para mim, que talvez já estivesse dentro de mim mesma, é o verde, essa ligação com o verde, isso eu sempre notei. Mas eu nunca tinha parado para ver que é uma comunidade jovem, uma comunidade que é feliz por não ter o tráfego aqui dentro, e... tem a sua organização, entre aspas, porque tem uma associação de moradores, um PSF, uma biblioteca, a escola que cuida das crianças. Eu acho que os pontos fortes são mais que os pontos fracos.

I – como é que tu te vê nesta comunidade, no teu lugar?

C – eu me vejo ocupando um papel muito importante, também pelo meu trabalho, e também por identificar, trabalhar, tentar melhorar a qualidade de vida das crianças e dos adolescentes e por outro lado, do lado espiritual porque eu trabalho aqui, eu procuro visitar as pessoas, saber quem são para poder ir conhecer a sua necessidade espiritual e mostrar que a bíblia pode satisfazê-las. Eu acho assim, para você trabalhar numa empresa você tem que saber que tipo de serviço ela presta, então para mim trabalhar numa comunidade eu teria que saber que comunidade é essa que eu to pisando, que terreno é esse que eu to pisando.

I – tu acha que o fato de conhecer melhor a tua comunidade te ajuda no teu trabalho, exercer melhor o teu trabalho?

C – sim. E poder mostrar, quando elas só chegam com críticas, poder mostra que não há só críticas. E num olhar diferente só vai ver crítica mesmo. Tem que ter alguém que olhe de uma forma diferente para mostrar que não é só coisa ruim, pode melhorar, muito, mas em compensação, em comparação com outras (comunidades), tem coisas boas.

(...)

C – eu tava até procurando saber o que que precisa se fazer para poder... digamos... essa comunidade de Água Mineral não existe no mapa, mas ela existe, mas não como Água Mineral, metade dela é Rocha, metade é Colubandê, a maior parte é Colubandê.

I – ou seja, ela existe de alguma maneira que não como as pessoas que moram aqui a reconhecem ou gostaria que fosse, a que se deve isso?

C – não sei.... era chamado de Grande Vale isso aqui, por causa dos morros em volta.

I – era, quando?

C – acho no tempo que a minha avó chegou aqui, ou bem antes, há 20 anos atrás ou bem antes. Água Mineral porque tinha nascentes de Água Mineral mesmo. Tinha empresa mais ali para frente, que engarrafava mesmo essas águas e vendia, aí ficou conhecido como Água Mineral.

I – então tu estavas dizendo que Água Mineral existe, mas não como Água Mineral e tu estava procurando saber... e eu te interrompi....

C – é, lá no trabalho, não é nossa tarefa, mas levantamos esta questão assim, o que que é preciso fazer para transformar Água Mineral num bairro. Esta é uma demanda que quem tem que ver é a associação de moradores. Mas o quê? Quantidade de pessoas? Escola, tem uma escola, tem um PSF, o que impede de ser um bairro mesmo que exista no mapa?

I – tu acha que isso é uma demanda da comunidade, de tornar um bairro?

C – acho.

I – o que significaria se tornar um bairro?

C – poxa! Talvez, na hora de você dar o seu endereço, colocar ali Água Mineral, não colocar Colubandê. É um orgulho, né, dizer “eu moro no bairro de Água Mineral”. Todo mundo fala “ah, Colubandê, né?” “é...”. Ninguém conhece... todo mundo sabe, é verdade, Água Mineral não é bairro, Água Mineral é um nome que deram, mas faz parte do Colubandê e as pessoas que moram aqui tem orgulho

deste nome Água Mineral. Tem orgulho. Elas não gostam de falar que moram no Colubandê, elas gostam de falar que moram na Água Mineral, então isso mostra orgulho. Então se fosse realmente um bairro, dado o nome mesmo, então as pessoas de início assim levariam o orgulho de morar em Água Mineral, eu tenho orgulho de morar em Água Mineral, levar um nome, né.

I – eu estou achando muito interessante isto que tu estás falando, a questão do orgulho de morar em um lugar que tenha um nome, o nome do meu lugar ser conhecido. Então eu fico curiosa, enquanto não é assim, ainda não é assim, o que isso implica na vivência de vocês, como eu me sinto morando em um lugar que não adianta dizer o nome porque ninguém conhece, isso tem alguma repercussão no jeito que eu sou, no jeito que eu me vejo?

C – eu vejo assim, as pessoas não gostam de ser anônimas, gostam de ter um nome, zelam por aquele nome, tem orgulho de apresentar o nome, eu acho que também é assim com a comunidade, a partir do momento que sua comunidade é anônima, você se sente um pouquinho também anônimo. Talvez eu não esteja conseguindo explicar direito, mas o não ter um nome faz também se sentir anônimo. Por exemplo “ah, eu moro no Jardim Catarina”, é o maior bairro da América Latina, que fica aqui em São Gonçalo, “eu moro no Jardim Catarina”, “ah, Jardim Catarina”. Todo mundo sabe onde é o Jardim Catarina, “e você?”, “eu moro na Água Mineral”, “onde é Água Mineral?”, “ah, é assim, assim, assim... é naquele lugar...”, “ah, ta”. Então é tipo assim “te conheço?”, “vem cá, te conheço?” (risos), “ah, é aqui em São Gonçalo, ah ta.”

(peço que escolha algumas fotos para nomeá-las)

I – obrigada.

Roger

I – Eu deixei a máquina contigo e a idéia era tu registrar a comunidade da forma como tu acha que ela é, na forma que tu gostaria de me apresentar a comunidade tendo como instrumento a máquina fotográfica. O que eu vou conversar contigo hoje vai ficar em torno disso. Olhando as fotos, agora, o que te ocorre?

R – O que me ocorreu ao olhar as fotos é que Água Mineral é um lugar muito bonito, com muito verde e com uma cultura muito grande, apesar de ser muito pobre, as pessoas são muito acolhedoras, muito gentis. E há uma diferença social, ainda que as pessoas não percebam, muito grande aqui dentro.

I – Aqui dentro da comunidade?

R – Nesta comunidade. Olha só, você acredita que isso aqui, essas duas fotos, elas foram tiradas muito próximas, quase que uma do lado da outra. E a diferença você vê de longe, a diferença social, só que ainda existe pessoas em extrema pobreza, como esta família, muito pobre, passam fome, não tem o que comer e a gente não sabe o porque disto tudo. Às vezes as pessoas acham que para ajudar alguém você tem que dar dinheiro ou dar comida (...) são pessoas que vivem muito excluídas. Eu até bati uma foto da comunidade de cima porque elas moram realmente no morro eu subi num local bem alto pra bater. Esta parte de cá, se você parar para olhar, você vai ver que é onde as famílias têm melhor condição.

Essas aqui são as mais afastadas da comunidade.

I – para eu me localizar R., onde é isso aqui?

R – isso aqui é naquele morro onde eu te falei, lá em cima.

I – aqui para trás da tua casa?

R – não, lembra quando a gente tava na casa do L. , lembra que tem um morro em frente? Então, aquele morro de frente. E aqui é atrás do L. Aqui, isso aqui foi tirado perto desta casa aqui, aqui dentro tem uma curvinha que eu passei e fui registrando mesmo, as pessoas andando, as criancinhas brincando, as pessoas assim, que quase não tem contato com ninguém, as pessoas vêm alguém tirando foto e fica assim “bate uma foto minha”, “fala comigo”. Água Mineral tem isso de bom, ela tem a facilidade de acolher as pessoas, as pessoas ficam meio receosas, às vezes vem você batendo foto “o que você ta querendo”?, mas elas assim, não brigam, elas sabem te entender. Isso aqui é de extrema pobreza. Isso aqui é

pertinho disso aqui (foto de uma casa grande, diferenciada das casas qualificadas como as de extrema pobreza), fica n o mesmo morro onde eu falei.

I – Deixa eu entender isso. Tu fotografou algumas pessoas, além dos lugares. Essas pessoas sabiam que estavam sendo fotografadas? E qual foi a reação, como foi o teu contato com a pessoa fotografada?

R- Essa família aqui, por exemplo, foi uma das primeiras que eu fotografei. Primeiro eu peguei a comunidade, como ela é, bati a foto.

I – O que é a comunidade como ela é?

R – Assim, muito verde, muito verde, a primeira foto que eu bati foi essa (foto panorâmica da comunidade, mostrando a sua área verde), com muito verde. E eu fui descendo, “e daí? a comunidade não é só esse monte de verde”, eu pensei, tem algo muito mais aqui que eu tenho que colocar, que eu tenho que registrar, aí eu fui andando, isso aqui é logo aqui, em frente a casa da L. quase. Mas tem algo mais do que isso. Aí eu tava descendo e resolvi subir o morro, porque a comunidade mesmo está ali, tem muitas famílias ali em cima e as pessoas (...) ninguém vai lá. Aí eu subi, subi por uma rua em que eu nunca tinha entrado e fui embora, subi, subi, fui andando, andando até que eu fui descobrindo...essas famílias...a segunda foto que eu bati, eu pedi para bater essa foto aqui, aí eu falei ... e tinha mais crianças, aqui pela foto nem parece, eles tão com umas carinhas bonitas, mas olha o fundo, é onde eles moram.

I –O que tem neste fundo?

R – Sabe barraco mesmo, extrema pobreza mesmo, de madeira toda caindo, sem condição. E quem mora aí, é uma casa do lado da outra, que não moram só essas pessoas aí não, moram muito mais pessoas... que não saíram na foto, porque eu fiz com as crianças. Que fica bem próximo desta casa aqui, muito próximo, muito próximo.

I – O que tu queres mostrar aqui?

R – A diferença social, a oportunidade. Todos são pobres, mas mesmo apesar de todos serem pobres, são muito diferentes economicamente, entendeu?

I – Aqui em Água Mineral então tem famílias com casas grandes...

R – É, com muito conforto e outras que não tem nada. Crianças que saem para trabalhar, que não estudam, crianças que passam fome, crianças que não têm (...), crianças que apanham, são oprimidas, famílias que as mulheres são oprimidas, que apanham do marido e não falam. Água Mineral é um lugar muito acolhedor,

mas muito enganador, entre aspas, vou explicar por quê. As pessoas não contam o que acontece com elas de verdade, para elas é só mais um... elas escondem, mulheres que apanham, mulheres que foram enganadas, traídas, sofrem escondido, não contam para ninguém.

E essa aqui, essa foto aqui foi uma das que eu mais gostei. O garotinho, ele que pediu para eu tirar uma foto dele “ei, bate uma foto minha”, aí isso é num lugar muito interessante, porque a casa dele é uma das casas que fica mais no alto, você pode ver que eu estou em cima e aqui tem até umas casas em baixo. Eu bati essa foto na quinta-feira, isso aqui é mais uma força do que tem em Água Mineral, fica aqui por perto, tudo ali por cima, e ele pediu, entendeu, a casa deles são pobres, as pessoas assim que você chega sem precisar falar nada, eles vêm até você, são pessoas que precisam de oportunidade, que não tem condição, oportunidade. A minha oportunidade que eu tenho hoje, foi depois que eu comecei realmente a ... eu sempre fui assim, muito humilhado... não, não humilhado, tentaram, tentaram me humilhar muito, pessoas da minha família, meu pai já fez muita coisa pra mim, pra me humilhar, então tudo que eu tenho hoje eu agradeço a minha mãe, mas eu vejo que a minha mãe sofre e o que já sofreu por causa disso. Eu vejo. Depois que eu comecei a participar do Projeto Bases minha cabeça abriu, eu comecei a ter alguns sonhos, que eu não tinha ou que achava que nunca ia conseguir realizar, tipo entrar para uma faculdade, tipo vencer na vida. O que me passavam não era só violência física, quando eu falei para você aquilo, não foi baseado em achar, por que acontece realmente. aqui dentro, na minha opinião, na visão que eu tenho, acontece muita violência psicológica, as pessoas são humilhadas, mau tratadas e às vezes não têm com quem botar para fora, não têm quem as defenda. Eu tive uma mãe, mas eu vi o que ela sofre e eu sei as conseqüências disso. Hoje ela tá doente, é uma pessoa nervosa, pouco confiante, receosa de algumas coisas que ela vai fazer. Ela é muito inteligente, ela nunca entrou na faculdade, parou de estudar cedo, bem cedo, não tem nem ensino fundamental e você conversando com ela nem diz que ela tem o grau de estudo que ela tem, minha mãe é muito inteligente e também muito sofrida (...) como ela, muitas famílias aqui dentro até passam a mesma coisa.

Aqui, eu quis registrar também, tentei pegar o que Água Mineral tem. As escolas de Água Mineral, escola de verdade, só tem essa. Uma. Oficialmente uma, de 1^a. a

4ª. série, as pessoas daqui tem que ir para outros lugares para poder estudar, para poder comprar alguma coisa direito.

Aqui, outra foto. Agora é diferente. Deixa eu me localizar, essa foto aqui é a comunidade do morro onde eu bati, então se você pegar essa foto é como se tivesse assim, eu subi no ponto mais alto de um lado e bati para o outro lado. Foi muito legal. Aqui ainda existe outro grau de pobreza, essas famílias aqui são pobres, mas ainda tem mais pobres do que essas, por incrível que pareça. Aí você se pergunta por quê? Pessoas que moram na mesma comunidade, que trabalham (..) oportunidade, pessoas que são obrigadas a sair da escola porque não têm aquela condição de estudar, não têm aquela qualidade de vida que deveriam ter, que é básica, ou trabalha ou morre de fome, aí não tem condição, pessoas que acabam caindo no mundo do crime, ou se prostituindo...

I – Isso é comum em Água Mineral?

R – Não é muito comum, mas acontece. E acho que não é muito comum porque as pessoas escondem muito as coisas, escondem demais. As pessoas aqui têm uma dificuldade, elas são muito desacreditadas, politicamente falando e historicamente falando. Muita gente não sabe a própria história da sua comunidade, o porquê de Água Mineral, só chega para morar na Água Mineral e fica. Aí os filhos vão crescendo, vai ficando, sem expectativa de vida nenhuma, para eles tanto faz como tanto fez, é como se fosse assim, não tem propósito nenhum, não têm sonhos, vivem cada dia por viver. Não vivem na expectativa de que hoje vai ser melhor que ontem e amanhã melhor que hoje...existem famílias, pessoas de carinho muito grande, como essa mãe. Historicamente falando, aqui, conta a história de Água Mineral, a Estância.

I - Esta é a Estância?

R – Esta é a Estância. Essa aqui, ta vendo, isso aqui já é aqui em cima, mais perto da minha casa, eu andei por tudo.

I – O que é isso aqui?

R – Casa, casa, aqui o pessoal costuma dizer que não tem favela, quem fala é porque nunca foi aqui para trás. (...) o que eles fazem, a vida que eles levam. Como na outra rua, a gente passa e pensa que a rua é toda asfaltada, mas o asfalto vai só até ali, dali pra cima, a pessoa passa por lama, não tem água direito, sofre, sofre bastante.

Aqui é uma outra rua que eu peguei, da comunidade, inteira, atravessa a Água Mineral inteira, se eu tivesse com o mapa... acho que eu to com o mapa aí para te mostrar, acho que com o mapa vai ficar bem legal, deixa eu te mostrar (vai buscar o mapa). (volta com o mapa e começa a descrever a comunidade no mapa) Aqui é como se fosse o início de Água Mineral, porque logo aqui atrás é o Rincão, aqui para baixo é o Rincão, para quem vem do Rocha (um bairro vizinho de Água Mineral, em direção ao centro da cidade) e isso aqui é a Pedreira, eu bati algumas fotos aqui para trás, tem casas muito pobres, escondidas pelas árvores(?), as ruas nem todas são asfaltadas, as casas que ficam perto da Pedreira, essa aqui é uma delas, ta vendo essa foto aqui, a Pedreira aqui, a casa aqui.

I – A Pedreira funciona?

R – Funciona, já tentaram fechar essa pedreira.

I – É esse barulho que a gente ouve de vez em quando, não é?

R- As casas estão cheias de rachadura, e eu fico imaginando o que as pessoas passam, não só pelo barulho, pelo perigo de pedras, o telhado delas está cheio de pedras que voam, já aconteceu acidentes com eles, só para mostrar um pouco da dificuldade de Água Mineral, Água Mineral é um lugar... essa aqui é minha rua, por incrível que pareça, tem umas casas legais, tem um grau de vida, as pessoas olham e acham muito pobre, não, não é, minha rua tem um grau de vida elevado dentro de Água Mineral, muito bom, até bati uma foto.

I – Tu descobriu isto quando?

R – Quando eu comecei a andar, fotografando. Isto aqui é na outra rua, aqui as pessoas são muito pobres, é um povo muito pobre, que trabalham exclusivamente sabe para quê? Para se alimentar, para comer para não morrer de fome, para pagar água e luz, nem todo mundo tem casa própria, então tem muito aluguel. Aí eu fico imaginando assim, a grande maioria, 90%, 95% desse povo não tem instrução, são todos pedreiros, serventes de obras, nada contra a estas profissões, pelo contrário, são lindas, mas que aprenderam com o decorrer, não têm estudo e indiretamente, mesmo sem querer, alguns querem outros não, não passam grau de instrução pros filhos, tanto faz, “eu aprendi assim, ah então você tem que aprender assim também”, “ah, eu tive isso, então você tem que ter também”, entendeu? Não tem a cabeça aberta para ajudar. Isso aqui também é na outra rua, são crianças da outra rua, brincando logo no início da rua, logo no comecinho da rua... porque Água Mineral é um lugar muito feliz, é um povo, você pode ver que é um povo sofrido,

é um povo que tem todos esses problemas culturais, físicos, emocionais, mas o grande problema de Água Mineral é que ela não cresceu ainda, ainda não é um grande pólo comercial, porque ela não sabe falar, não sabe reivindicar. Porque quando o povo começar a lutar pelas coisas que eles querem, ninguém vai parar. Eles falam que Água Mineral não é um bairro.

I – Eles quem?

R – A comunidade. É um sub bairro, não tem nome, não consta no mapa, então eles falam que moram em lugar nenhum, eles vão para lugar nenhum, para eles tanto faz porque eles moram em nada.

I – E como é isso para ti?

R – Eu tenho alguns sonhos, e um deles é que um dia Água Mineral se torne um bairro. Bairro oficial mesmo de São Gonçalo. A falta de esperança das pessoas, o que elas acham só me faz acreditar, me dá mais vontade, mais força para continuar lutando, para não desistir, porque se os pouco que crêem , que acreditam que isso pode acontecer, desistirem, não vai adiantar mais nada, vai tudo por água abaixo.

I – tu disse que um dos teus sonhos é ver Água Mineral se tornar um bairro, o que significa isso, Água Mineral se tornar um bairro?

R- Porque Água Mineral é um sub-bairro, mas por não constar no mapa, “ você mora aonde? Eu moro no Colubandê”, “eu moro no Rocha”. “E a nossa comunidade, rapa? Que nem eu falei pra um colega meu hoje”, e ele “ah, é mesmo, onde a gente mora não consta nem no mapa, todas as comunidades constam no mapa, Água Mineral não consta que existe”. Eles acham isso. Água Mineral é um bairro, é um bairro humilde, mas é um bairro. Aqui tem muita pouca ajuda de projeto social, o primeiro foi o Bases (Bases de Apoio, projeto desenvolvido em parceria pelo Instituto Promundo e CIESPI), que ajudou muito a comunidade e agora com o Bases está vindo outros, aos poucos estão vindo outros, vai ajudar muito, porque a coisa mais difícil já foi feita, que foi colocar, depois que um vem, depois vem outro e outro...aos poucos as pessoas vão começar a ver as coisas funcionando. Quando você chegou aqui, não se você... quando o bases chegou aqui a comunidade era de um jeito, nesses dois anos ela já é de outro jeito.

I – E como que era e como está ficando?

R – É uma comunidade muito fechada, aqui é um lugar muito bonito, isso aqui sempre enche os olhos de quem vê pelo verde que ela tem, que se destaca da cidade, com muito prédio, muita fumaça, aqui não tem isso, tem muito verde, tem muita beleza. As pessoas são acolhedoras, elas sabem te ajudar, se você não tiver passando bem elas vão te oferecer um copo d'água, se você fizer uma pesquisa elas vão te atender. Quando eu tava fazendo o baseline do Bases eles chegavam para mim e diziam assim “ah, desce aqui, vai ser muito bom você vir aqui (...), ah, mas sabe o que acontece, eu não acredito que isso vai conseguir mudar isso aqui não, porque todo mundo vem aqui e promete e ninguém faz nada”. São desacreditadas, já perderam a esperança de que podem melhorar. Elas não sabem mais a quem elas podem recorrer, o que pode acontecer com elas. Você pode perceber que tem gente que apanha calado, que sofrem maus tratos na boa, mas elas não sabem, elas não chegam e falam porque falar...elas podem ficar mal faladas “olha a que apanha do marido”. Daí elas acabam excluídas mesmo (ou se excluindo mesmo?). ficam presas no seu próprio mundo, aquele mundinho ali, entre quatro paredes, ou aquele seu mundinho ali, aquele pedacinho e não abrem a sua cabeça para as coisas que acontecem, para as suas expectativas, são quase que assassinadas, elas vivem, seu corpo ...(forma física), mas seus sonhos, já morreram, já não têm mais o que fazer. As fotos, tudo que eu quis mostrar nas fotos foi a desigualdade social, as pessoas não acreditam, mas existe muito. A beleza que Água Mineral tem, com o verde. O que Água Mineral tem de bom, que pode fazer com que tudo isso mude, são as crianças. Aqui ó, são crianças que moram completamente diferente, extremamente longe, norte e sul, aqui.

I – o que tu está chamando de norte e sul?

R – Isso aqui. As crianças aqui, cá pra cima, sul, pra baixo, norte.

I – É uma questão de localização?

R – Localização. Crianças que nunca se viram, com certeza, mas que são muito parecidas.

I – no que elas se parecem?

R – Pelo jeito de ser, de viver, de sonhar, porque elas ainda não tiveram seus sonhos mortos, elas ainda têm esperança de conseguir algo melhor, se não investir, se não tiver alguém para investir, para ajudar, para fortalecer, vai continuar sendo o que é hoje, uma comunidade em que ninguém luta, que não sabe reivindicar, uma comunidade infeliz, oprimida...

A história de Água Mineral, que ninguém sabe... pobreza, ficou registrado nesta foto com clareza aqui nesta foto também, vou colocar aqui perto, fazer tipo um destaque aqui. Como eu falei, norte e sul, a parte de cima de Água Mineral, a parte de baixo de Água Mineral, o norte. Se você parar para ver num todo, essa comunidade parece muito, a vida das pessoas (..) têm os mesmos costumes, os mesmos hábitos, a mesma maneira de pensar, mesma maneira de agir... triste. A alegria que você vê em Água Mineral vem das crianças, vem de algumas pessoas que ainda acreditam que as coisas podem mudar, algumas pessoas que ainda tem uma expectativa de vida, tem esclarecimento, muito pouco, às vezes conhecimento nenhum (?), mas uma vontade muito grande de mudar, de fazer com que as coisas mudem.

(...)

I – Essa experiência de fotografar a comunidade, sair, tu disse que andou por lugares que tu não tinha andado ainda, o que significou pra ti fotografar a tua comunidade, estar com a máquina fotográfica na mão, escolher essas imagens aqui?

R – Significou muita coisa porque eu não esperava que eu fosse aprender tanto em um dia, eu nunca esperei, eu nunca esperava ver o que eu vi, eu falava de Água Mineral como um todo, o que eu pensava de verdade era uma linha, a rua principal com sub ruas, mas o bairro é essa linha reta. Quando eu comecei ae eu já tinha feito entrevistas, até no meio da rua, mas eu nunca subi a comunidade inteira, eu não sabia que lá para trás existia isso aqui, isso aqui..

I – isso aqui, isso aqui é o quê? Eu estou te pedindo para pontuar porque a gente ta vendo, mas depois eu vou ouvir...

R – Eu não sabia que tinha essas famílias tão pobres, tinha esses lugares muito bonitos. As fotos nem sempre mostram a realidade.

I – O que elas dizem?

R- Por que as vezes você vê uma foto, como essa aqui com o menininho na árvore, você ta achando que ele ta brincando, que ele vive num lugar tranquilo, num lugar bom, mas subindo lá a pobreza que ele vive, que está em volta dele, as coisas que colocam nele (?), as questões que colocam esse garoto são muito grandes, são como todas essas crianças que estão aqui, todas essas famílias que estão aqui, todas elas, porque eles estão vivendo num mundo em que a pobreza manda, a pouca oportunidade de vida, qualidade de vida quase zero, expectativa

de vida quase que nenhuma porque as pessoas que querem ajudar são pessoas pouco instruídas, são pessoas que não sabem nada de educação porque foi criada errada e quem foi criada errada vive errada também. E com isso não tem expectativas, já perderam os sonhos. Só sabem... os grandes, só fazem as coisas por fazer ou por obrigação, já perderam o amor por tudo que eles tinham que fazer , “ah, eu amo o meu filho”(...) além disso, existem coisas muito mais fundamentais que é o amor, a atenção, o carinho, que muitas dessas crianças não têm, porque a vida impôs isto. Por que os pais têm que estar trabalhando, eles têm que ficar tomando conta é criança tomando conta de criança sozinha. Crianças que ficam trancadas das 7 da manhã às 10 da noite sem por o rosto na rua, “se você sair para a rua você vai apanhar”, “ se você mexer nisso, (??) com você”, sonhos, vai matando aos poucos a esperança da pessoa e eu só peguei as crianças porque elas mostram um pouco da felicidade de Água Mineral, porque se não fosse elas isso aqui seria um grande cemitério, um monte de mortos vivos andando. Então foi isso. Pessoas mortas vivas andando, comem, bebem, trabalham, tudo por fazer, não tem alegria de viver. Buscam a alegria na bebida, na cachaça, no álcool para esquecer sua vida de verdade, cada dia é apenas mais um dia que eles têm para fazer as mesmas coisas. Só isso. Hoje, o que eu tenho para fazer hoje é a mesma coisa que eu fiz ontem, que eu fiz antes de ontem e que eu vou fazer amanhã e depois de amanhã, vou fazer por fazer, porque eu tenho que fazer. As pessoas perderam a vontade, “vou fazer isso porque eu gosto, porque vai me fazer bem. Eu vou fazer porque eu tenho que fazer”. São várias as coisas que eu questiono, “por que que tem que ser assim?” ou “por que as coisas são assim?”

I – Estas coisa tu começaste a pensar neste processo?

R - Por que? Eu tinha a cabeça assim “ah eu trabalho em projeto social, eu quero fazer o melhor para a comunidade, eu sempre quis fazer porque eu sempre gostei de ajudar, eu sempre gostei, sempre gostei de trabalhar com crianças, sempre gostei mesmo. Não é só ali (no projeto que estava envolvido) que eu sou líder e trabalho com criança e adolescente, sou líder na minha igreja, de adolescentes, na minha escola sou diretor do grêmio, trabalho diretamente com crianças, adolescentes. Faço isso, muito porque, não por obrigação, mas porque eu gosto. As pessoas esqueceram o gostar, fazem por obrigação. Eu comecei a ver a cabeça das pessoas quando eu cheguei aqui, com as fotos, você chega num lugar, numa parte da comunidade você vê vizinho conversando com vizinho, batendo papo,

vizinho indo na casa de vizinho almoçar, outro vizinho indo no vizinho bater papo, ver foto, um monte de coisas. Na outra parte da comunidade, portas fechadas, muros separando casas e... um lugar onde as pessoas não se conhecem, estão a dez passos umas das outras, nunca se viram, nunca se falaram, não sabem nem o nome se bobear.

E isso tudo é Água Mineral, um lugar tão pequeno, com a qualidade de vida tão baixa, com uma cultura fenomenal, com uma história muito linda que ninguém conhece... ninguém conhece.

I – Dessas fotos aqui, em torno de 20. Quais são as tuas escolhidas? A gente vai falar mais delas. A gente vai falar mais especificamente delas, da foto em si.

(escolhe as fotos, analisando cada uma)

R – Três fotos. As que marcaram todo o trabalho.

I – De que forma marcou o trabalho?

R – São as fotos que mais mexeram comigo, que mais me fizeram olhar as coisas e a comunidade como ela realmente é. Uma comunidade muito sofrida, muito desacreditada. E pensar que na mesma comunidade a gente tem casas como essa (uma casa grande), muito bonitas, grandes, luxuosas, há casas assim de madeira, de pau a pique, pessoas que com certeza quase passam fome, se não passam fome, muito triste, muito triste mesmo, essas crianças que vivem em extrema pobreza, mas muito carinhosas, muito acolhedoras. Que tinham tudo para ser pessoas perturbadas, transtornadas e que ainda continuam sonhando, que ainda tem a alegria de viver, isso que me encanta nas crianças, essa magia, às vezes eu fico me perguntando o que leva uma pessoa a cometer um crime, entrar para o mundo das drogas, mas aí eu fiquei pensando “é a falta de sonhar”, é quando ela perde a alegria de viver e o que é para fazer já não importa mais, já não vai mais fazer diferença para ela se ela vai matar, vai roubar, se vai fumar, cheirar, porque as oportunidades que elas tinham já acabou, os sonhos que elas tinham já mataram, já assassinaram, então para ela tanto faz como tanto fez. Ela fazer ou não fazer algo errado.

Esse garotinho, quando eu bati a foto dele, se você olhar aqui, um colega dele, ficou me chamando ainda, pra eu bater a foto e quando eu vi ele com a enxada na mão capinando. Com a enxada na mão capinando, no quintal mesmo.

I – Ele estava trabalhando.

R – Ele estava trabalhando, cerca de 9 anos, 10 anos.

I – Onde estava o teu olhar nesta foto?

R – Meu olhar nesta foto estava aqui, neste garoto. Este aqui falou comigo, eu quis registrar esse garotinho, você pode ver, em cima da árvore eu imaginei vai ficar muito maneiro, vai mostrar o verde de Água Mineral, tem muito verde aí, as casas atrás, vai mostrar, vai dar algum impacto essas casas aqui e esse garotinho trabalhando, porque ele, superfeliz, ele estava lá brincando rindo, trabalhando num sol de pelar em pleno feriado, num sol de rachar a testa, eu já não tava agüentando, só de andar, imagina ele trabalhando, num trabalho braçal.

I – Isso é comum aqui em Água Mineral?

R – lá pra baixo e aqui pra cima é. E essa rua aqui não, aqui ninguém faz nada porque aqui as pessoas são muito “filhinhos de papai”, tem pai e mãe, algumas têm condição de vida boa. Aí lá para baixo, tem muito disso, criança que tem que largar a escola para carregar caixa pesada na CEASA, de manhã, 5h da manhã até 5 horas da tarde, carregando caixa no ombro, ficar limpando o quintal, sem ter o que comer, sem estudar, muitas delas.

Se eu tivesse que escolher, de todas elas, uma foto, a que eu escolheria seria esta aqui, não, estas duas, elas resumem muito o meu trabalho aqui.

I – fala disso.

R – porque mostra a pobreza, aqui vai mostrar a pobreza mesmo, porque Água Mineral precisa de muita ajuda, muita mesmo. (está falando da foto com as crianças no primeiro plano e casas atrás). Se as pessoas pararem de trabalhar, de investir, serão apenas mais famílias que vão viver sem esperança, só irão viver por viver.

I – e nesta foto, onde estava o teu olhar?

R – nas casas atrás. Quando eu faço uma coisa, eu procuro olhar sempre, procuro vê além daquilo que eu to fazendo. Uma vez colocaram a mão na minha frente e perguntaram assim “o que você está vendo?” e uma pessoa falou assim “cinco dedos” e eu falei “não, ta vendo cinco dedos, mas depois dos cinco dedos você ta vendo a mim, quem está do lado de você, um monte de coisas, são cinco dedos virados para cinco pontos e ainda existem mais cinco pontos do lado de cá que você pode olhar que você não está vendo, você tem que olhar sempre além daquilo que estão mostrando para você”. Eu, quando comecei a fazer isso, minha vida melhorou muito, me ajudou muito, porque me fez crescer, toda essa experiência me fez crescer.

I – essa experiência qual?

R – de bater as fotos, de olhar a necessidade das pessoas, o sofrimento que elas passam, a desigualdade, a falta de oportunidade, direto. E a beleza de Água Mineral, o cartão postal de Água Mineral.

I – que é?

R – as matas, os animais. Uma comunidade muito rica, muito bela, mas como eu continuo dizendo, pouco explorada, com poucas oportunidades.

I – a gente falou um pouco de como foi essa experiência para ti, falamos de cada uma das fotos, o que tu quis focar e o que tu quis mostrar em cada uma delas, porque tu escolheu cada uma delas...eu queria saber agora, de ti, se fotografar a comunidade, fotografar Água Mineral transformou o teu modo de olhar para esse lugar, esse lugar onde tu mora?

R – com certeza. Abriu assim, uma janela, que eu acho que mais cedo ou mais tarde se abriria. Só que quando você vai fazer alguma coisa, pensando, “como eu vejo a minha comunidade?”. Essa pergunta me fez despertar para eu ver o que realmente Água Mineral é, o que Água Mineral tem e o que ela precisa ter. Ela precisa, com certeza, da ajuda dos políticos, colocando escola decente aqui dentro, das empresas colocando empresas de ônibus, pro pessoal ir trabalhar, precisa de qualidade de saneamento básico, de água, luz, precisa disso, muito disso. Agora as pessoas também precisam acreditam que elas são capazes, mostrando isso aqui eu vi claramente, é mostrar que elas são capazes, são pessoas extremamente inteligentes, que poderiam, que poderiam não, que podem crescer muito na vida, conquistar muita coisa, mas só depende delas. Se botarem na cabeça delas que elas são capazes e reivindicar por aquilo, lutar por aquilo, não vai ter ninguém que vai parar essa comunidade, ela vai crescer muito. Aí sim, eu vejo o dia que ela vai poder entrar no mapa. Que ela vai entrar no mapa mesmo, fisicamente. Mesmo que as pessoas não queiram, colocar no papel, mas ela vai entrar no mapa. Não pelo espaço físico, geográfico, mas pelo espaço físico que vai ocupar na cabeça das pessoas, “aqui é Água Mineral”. Não é Colubandê, nem Rocha.

I – como tu acha que água Mineral é vista por quem não mora aqui, porque a gente ta falando até agora...

R – de quem mora aqui.

I – isso, de quem mora aqui. E quem não mora aqui ?

R – quem não mora aqui, chega aqui e vai achar que aqui é um lugar muito bonito, muito calmo. E por ser bonito e calmo, você não vê a violência direta, física, que nem ta acostumado a ver em outros lugares, as pessoas vão achar que aqui é o melhor lugar do mundo para se morar, que aqui é o melhor lugar do mundo para se conversar, para se viver, andar, pra brincar, vão achar isso. Vão achar que não vão precisar de muita coisa. Vão achar que tanto faz o trabalho que ela vão fazer aqui, que vai ser rápido, que não vai ter muito trabalho, que as coisas serão fáceis e que vão fazer um trabalho de mobilização, vão mobilizar as pessoas porque vai ser fácil. As pessoas pensam assim. Um lugar calmo, muito calmo, não precisa de quase nada, muito bonito, muito tranqüilo, mas se morassem aqui e vivessem aqui um pouquinho, elas veriam o que a comunidade tem, parariam de falar besteira, muita besteira que falam. Falar que Água Mineral não tem favela, não tem tráfico, que Água Mineral não tem prostituição. Tem. Só que é escondido. Falam que Água Mineral não é uma comunidade violenta e que as pessoas vivem extremamente bem, não tem tanto maus tratos físicos, mas tem maus tratos na sua mente, psicologicamente muito grandes, são pessoas oprimidas, são pessoas transtornadas, infelizes.

I – e uma pergunta que me surgiu a partir da tua fala. Algumas pessoas que te vêem fotografar, pedem para ser fotografadas. O que tu pensa que as pessoas querem com isso?

R – eu acho que elas querem se mostrar, aparecer, se fazer presente. “eu estou aqui, me olha, me enxerga, eu não sou um nada”. Elas queriam se mostrar. Aqui tem dois casos completamente opostos, as que eu pedi para fotografar e as que me pediram para fotografar.

I – Mas a reação foi diferente?

R - foi a mesma. Na hora de bater a foto. Você vê, as crianças aqui, elas estão com ar de felicidade muito grande. Porque elas estão sendo vistas. “olha o tio ta vindo aqui tirar foto da gente”, tão se mostrando. Tem uma foto de uma mãe também, quando eu falei “posso tirar uma foto?” ela deixou as crianças e saiu, deixou só as crianças para bater a foto, ficou de lado. “ eu falei não, pode aparecer”. “eu posso? Não vai estragar o seu trabalho, não?” assim mesmo. Acho que elas querem e precisam se mostrar. Essa é a questão histórica de Água Mineral. As pessoas querem, mas não sabem como fazer e desistem no meio do caminho. Param no meio do caminho.

I – o que isso tem a ver com a história de Água Mineral?

R – porque Água Mineral é muito pobre, pobre no Brasil, você sabe que não tem vez, pobre não tem vez. A história de Água Mineral é a história de um povo que se formou no meio de dois bairros, pobres. E por se formar no meio desses dois bairros pobres, é mais pobre ainda, que os bairros que cercam você. A perspectiva de vida, nenhuma. Aqui dentro só tem mercadinho bem pequenininho mesmo, de casa, porque se as pessoas vão comprar alguma coisa tem que sair para fora. Aqui tem muita exclusão social. Aqui se você botar uma pessoa na frente do computador “caramba, que isso?!”, elas se surpreendem. A história de Água Mineral é uma história triste e oprimida, que, sei lá, eu tenho pra mim, uma vez a minha mãe falou quando eu era pequeno, ela vive falando isso, que é para eu parar de pensar assim, que era para eu pensar mais em mim mesmo porque eu nunca ia conseguir mudar o mundo, eu nunca ia conseguir ajudar todo mundo e que quem quer ajudar as pessoas, normalmente só passam elas para trás e não têm seu trabalho reconhecido. E quando eu ouvi isso, eu ignorei, ignorei completamente isso. Eu posso não mudar o mundo, mas eu posso mudar o lugar onde eu vivo. Eu posso não ajudar todo mundo, mas eu vou conseguir ajudar alguém. Eu posso nem ter reconhecimento por aquilo que eu fiz, mas só pelo fato de ter ajudado por mim já ta bom.

I – Dessas fotos, as escolhidas, que tu desse nome para cada uma dessas fotos, pode colocar atrás. Dá um nome para cada uma das fotos.

R – criar um nome? Pode ser qualquer nome?

I – Qualquer nome.

(Ele olha as fotos, pensa..... e decide)

I – me apresenta as fotos então.

R – a primeira é o cartão postal de Água Mineral. Depois eu coloquei a força de Água Mineral, são as crianças. Depois a esperança. Aqui vai se apresentar a oportunidade.

I – aqui mora uma família? (foto de uma casa grande, de dois andares, várias peças, de material)

Ele diz que sim.

R - e por último a falta de oportunidade.

I – Aqui também mora uma família.(foto de uma casa pequena, feita de madeira, mal conservada)

R – Moram várias.

I – Tem mais alguma coisa que tu queira comentar, me dizer sobre essa experiência...

R - Foi muito bom fazer esse trabalho, bom demais, eu não esperava ter o retorno que eu tive, tão rápido, de aprender tanta coisa. A gente nunca para de aprender, a gente é como um computador. Eu aprendi um pouco mais sobre onde eu moro, vi a comunidade mais de perto. Se um dia você quiser, eu te levo lá!

I – Obrigada.

Douglas

I – Antes da gente começar a conversar, eu queria te pedir para falar um pouco de como foi o teu processo, desde a hora que eu te fiz o convite, o que te ocorreu, estar com a máquina na mão, escolher as fotos e esperar por elas para a gente depois poder falar um pouco mais sobre cada uma delas....

D – Ah, eu achei legal assim, eu percebi que tem várias coisas que têm nesse lugar...então achei interessante porque eu pude mostrar como que eu vejo a comunidade, com meus olhos. Então têm várias coisas assim, umas que agradam a todos, outras que não. Tem rua esburacada, uma metade asfaltada outra não na mesma rua, água escorrendo, vazando no meio da rua, esgoto e também mostrar como que tem criança que brinca aqui na rua.

Aqui eu mostrei as crianças brincando na rua, aí aqui eu já quis mostrar assim a parte da Associação, mas do alto, com a rua principal com um pedaço da mata e as casas, ainda pegou essa pedra. Eu quis mostrar isso, mas do alto. Aqui também, só que na parte da minha rua, olhando aqui de cima, no meu terreno, a parte da minha rua, essa aqui é a minha rua. E o morro que é bonito, em Água Mineral.

Aqui já é o problema da água limpa, água potável para beber vazando no meio da rua, sendo desperdiçada.

I – Como é, essa é a água que vocês bebem?

D - Sim, tá vazando, cano furado. Tem um cano furado ali na rua, embaixo do cimento, no asfalto. Furou o cano ali, aí tem muita gente que tá sem água aqui, só sobe por causa da bomba que tem, aqui no começo, aí lá para cima que joga (...)

E aqui esta vala negra no meio da rua.

I – Onde é isso?

D- Aqui na minha rua mesmo. Aqui, olha terminou o asfalto, é mais lá para cima, a vala a céu aberto. E aqui eu quis mostrar que lá, a rua que está asfaltada pára aqui, aí no meio fica um buraco sem asfalto, aqui começa e é asfaltada, só esta parte que não, mas pra cá tá tudo asfaltado do outro lado da rua.

I – Por que isso acontece?

D – Por causa que quando foram asfaltar a rua, foi mutirão, aí as pessoas que quiseram ajudar, asfaltaram tudo com todo mundo ajudando, aí por exemplo os dali de cima ajudaram os de baixo, mas os daqui não ajudaram, aí eles colocaram asfalto só lá em cima.

I – Então tem asfalto só onde as pessoas ajudaram. Quem não ajudou não ficou com asfalto?

D – É, o pessoal não ajudou e ficou assim.

E essa aqui foi lá pro outro lado da minha rua aqui, peguei uma parte do Colubandê todo, tem o Makro, a torre do Makro, pegando um pouco do CIEP, o morro, aqui é outra rua com a comunidade que fica lá na frente do CIEP, Água Mineral mesmo. Aqui pega esse(...) chamado muito de Água Mineral, Colubandê. E aqui também, como te falei, da parte asfaltada, aqui dá para ver melhor, aqui asfaltada, aqui não é, e tem esse buraco no meio.

I – Então aqui teve mutirão para asfaltar a rua. Só na tua rua ou em mais ruas?

D - Não, várias ruas, na da associação, várias ruas.

I – Ou seja, dependeu de vocês, de quem mora aqui em Água Mineral para asfaltar as ruas.

D – É, apesar de que nessa rua eles prometeram, não vieram, não cumpriram, começaram com a nossa, aí depois eles iam passar para lá, mas aí passou a eleição eles pararam.

I – Prometeram, quem prometeu?

D – A prefeita... os candidatos a prefeito. Aí pararam.

E tem um buraco aqui na rua, um pouco mais abaixo, porque para fazer um conserto, estourou um cano de água, e assim deixaram, a vala descendo, e o cano de água vazando.

I – Conserta uma coisa e estraga outra...

D – É...

Aqui, um pouco da mata, que Água Mineral tem, que tem coisa bonita também, não só coisa ruim, entendeu?

E esta aqui é a rua que te falei, que prometeram asfaltar e não asfaltaram, nesta viradinha aqui, Rua Maria Cristina. Asfaltaram só um pouquinho, quem olha lá de baixo acha que é tudo, mas é só este pedacinho aqui...

Aqui já é a rua principal, que vai lá embaixo, onde passam os ônibus, fotografei pra ver como é a rua, né, a condição em que ela está, com vala aberta, mas é a rua principal, a Rua Salvatori...

E aqui, é aquela que prometeram botar asfalto duplo, do posto.... até aqui, mas não asfaltaram, aí ficou assim mesmo. Olhando assim parece que é asfaltada? Mas não é... só até aqui, só um pedaço...

I – Ou seja, a rua principal, que é asfaltada, aí tem uma entrada que não está, numa entrada pra outra rua, aí ela começa a ficar asfaltada, aí ela deixa de ser asfaltada...

D – É, uma confusão!...

E aqui, ... quem vem morar aqui, a rua tá neste estado, com vala negra aberta, quando chove enche, mas não chega a transbordar muito não, só chuva forte mesmo...

I – E como é o acesso?

D – Tem esta ponte aqui, pra estas casas... aqui já fica mais difícil, aqui não tem ponte, porque o esgoto fica aqui... encontrando o valão...

E aqui é o CIEP, a rua Salvatori, a principal, e o CIEP ...

Aqui, mais pra baixo do CIEP, mais olhando pro morro, que fica em frente, com Horto, aqui pra dentro é o Horto... aí eu tirei a foto, pegando um pouco das casas, esse morro todo, mas não tem numeração... é até meio perigoso aí, tem várias pessoas que mandam aí dentro... é perigoso mesmo.

I – Perigoso como?

D – Por estupro, assalto.

Aqui é a rua principal, pegando um morro, o morro em frente ao CIEP, a rua Salvatori...

Essa aqui é o Horto, peguei pra mostrar o Horto.

Aqui pegando uma parte da rua Salvatori, uma parte perigosa, uma curva, já aconteceram vários acidentes aqui e de novo um pouco do Morro.

I – O morro é bem importante pra vocês aqui, não?

D – É, bem importante, todo mundo gosta muito do morro...

I – O que tem nele, o que faz as pessoas gostarem?

D – É só a vista mesmo, acordar e dar de cara com esse morro, assim, é bem lindo, bem lindo... ainda mais quando está um dia ensolarado...

E aqui também, um pouco das casas, em contraste com o morro e o sol, e um pouco destas plantações.

Pensei em pegar um pouco da minha rua com as crianças brincando...

I – E onde está o teu olhar aqui nesta fotografia?

D – Nas crianças brincando, assim do jeito deles, sei lá, as crianças deveriam ter algo melhor pra brincar, aqui na comunidade...

I – Tu achas que elas deveriam ter algo melhor pra brincarem...

D – É, um parquinho, pra se divertir...

Aqui eu quis pegar a rua na direção do meu terreno pra baixo, em contraste com o morro, e em seguida essa rua aí no meio, asfaltada.

Aqui tem uns carros que estão abandonados, ficam aí na rua, abandonados. Cria mato, dá bichos...

I – Quem abandona estes carros?

D – Os próprios moradores mesmo, compram carro novo, e deixam o velho aí na rua, sem pneu, só a carcaça mesmo... vários carros abandonados. Na outra rua mesmo que eu te falei também tem muitos...

Aqui a igreja...

I – Qual é a igreja?

D – Assembléia de Deus.

I – Então, tu estás me mostrando aí um panorama geral. Vamos dizer assim, o que Água Mineral tem... que faz dela o que ela é. Agora, se tu tivesse que, olhando as fotos, dizer como é Água Mineral pra ti, o que ela é pra ti?

D – Pra mim é uma comunidade legal, entendeu, só que falta muita coisa pra ela se tornar o ideal...

I – E o que ela falta pra se tornar ideal?

D – Ter saneamento básico, mais atenção da prefeitura, mais lazer pras crianças, pra nós mesmos, os jovens, mais ônibus, água, iluminação, que é bastante precária, e... tantas coisas mais que faltam pra melhorar...

I – Tu estás destacando bastante as belezas de Água Mineral, o verde, os morros, da alegria de acordar pela manhã e ver esta natureza... contrastando com este abandono do governo, da prefeitura. Uma coisa meio disfarçada, estes asfaltos até uns pedaços, que não seguem adiante....

D – E na Prefeitura consta que tudo foi asfaltado, por exemplo. Aqui não é asfaltado, mas lá tá como asfaltado. Tem um caderno lá com o nome das ruas, e consta que tá asfaltado... Tu vai cobrar os teus direitos, por exemplo, pra asfaltar, e lá diz que foi asfaltado, lá na Prefeitura.

I – E lá na prefeitura tá cadastrado como o quê? Como Água Mineral? Colubandê?

D – Acho que como Colubandê, mesmo...

I – Ou seja, vocês não podem reivindicar...

D – É porque lá já consta como asfaltado.

I – Quem já fez isso, de ver esta situação?

D – O pessoal das ruas aqui mesmo, da rua Gilberto, por exemplo, ali de cima, consta que já foi asfaltada.

I – E não é?

D – E não é... E várias ruas....

I – E por que tu achas que isso acontece?

D – Ah, eu acho que, assim, por exemplo, terminando o mandato e eles colocam lá que foi asfaltada, pra prestar contas e depois fala que tá asfaltada, e não tá asfaltada... só pra prestar contas mesmo com a prefeitura...

I – Pelo que tu estas falando, tem um olhar meio descuidado, da prefeitura, pra este lugar, pra esta comunidade...

D – Com certeza....

I – Então como é que vocês lidam com esta questão de viver num lugar que não recebe uma atenção do governo?

D – Ah, é bastante ruim, muito ruim. Saber, por exemplo, que você não existe... pra eles. Porque olhando pra estas fotos aqui logo vem na cabeça que você não existe pra eles, que você não é nada, mas... é erguer a cabeça e cobrar nossos direitos, né, porque deixar assim... mas é muito ruim isso, pensar que você não existe.

I – Como que é ruim?

D – Ah, você olhar assim, e ver o abandono que nós estamos aqui. Todas essas coisas, essa falta de água, falta de luz, de saneamento básico, bastante coisas, é muito ruim...

I – Como tu achas que as pessoas que moram em Água Mineral vêm este lugar?

D – Ah, por exemplo, as pessoas que moram aqui, sabem que é um lugar quieto, calmo, mas assim, eles não gostam muito de morar aqui, tem gente que tem vergonha de falar... “moro em Água Mineral”... porque, lá fora, se botar uma casa pra alugar e botar que é de Água Mineral, aí não aluga. Porque sabem que aqui é um lugar que matam as pessoas, é um lugar de abandono... Dizem, ah, lá não tem nada!... Mas realmente não é assim, eles trazem de outro lugar pra jogar aqui, os corpos, eles “fazem” lá e é aqui que jogam...

I – Lá aonde?

D – Eles matam em outro lugar e vem jogar aqui, por exemplo, neste matagal atrás do morro. Mas agora parou um pouco com isso, por falta de luz, também, não tinha iluminação...

Mas Água Mineral pra gente aqui, as pessoas que eu conheço, as pessoas têm vergonha de falar que moram em Água Mineral. Outras não, mas muitas pessoas têm.

I – A gente tá falando do teu jeito de olhar pra este lugar, agora tu estás falando desta questão das pessoas terem vergonha de dizer que moram aqui, porque é um lugar abandonado, e isso traz preconceitos... Sabendo que Água Mineral sofre desse abandono do governo - é vista por quem não mora aqui de um jeito diferente de quem mora – com é que tu te vês morando neste lugar, como é pra ti, morar neste lugar?

D – Por um lado é bom, por outro é ruim, porque pela opinião das pessoas, como eu te falei, pra eles é ruim, mas pra mim é bom. Mas como eu sou jovem, eu gostaria de ter mais lazer, mas aqui não tem. Aí, eu acostumei, né, a viver aqui... eu preferia algo melhor. É um lugar bom e ruim ao mesmo tempo.

I – Fala mais sobre isso, o que é bom?

D – É bom porque é calmo, tem essa visão dos morros, da mata, aqui é um lugar em que as pessoas ajudam um ao outro, não todo mundo, mas sempre tem os que ajudam. Todo mundo se conhece, todo mundo se fala... E é ruim por causa deste abandono, pela falta de qualidade de vida que se tem aqui, que é uma qualidade muito ruim. Não é péssima, mas também não é boa...

I – E tu gostaria que fosse diferente...

D – É...

I – E este abandono ele fica em alguma coisa mais, pra ti? Na tua vida, no teu jeito de pensar sobre ti, sobre a tua família? Tem alguma influência, digamos assim...

D – É, por exemplo, lá no lugar que eu trabalho, fala: ah, lá em Água Mineral, não vou não... já é um lugar falado, marcou... isso já mexe, né, dá até uma certa vergonha...

I – Como é que foi pra ti, como é que significou pra ti fazer este registro fotográfico da comunidade?

D – Ah, pra mim foi bem legal e muito importante pra comunidade também, poder, uma pessoa jovem, mostrar como vê a comunidade, então achei interessante. Poder fotografar...

I – Tu acha que mudou alguma coisa pra ti?

D – Ah, eu pude botar o meu pensamento pra todo mundo poder ver, assim, por exemplo, você ver, do jeito que eu vejo... isso mudou.

I – Fazer o teu pensamento ficar conhecido... É interessante isso, porque a gente tem muitos pensamentos sobre muitas coisas, mas parece que só quando a gente faz alguma coisa, como fotografar por exemplo, e fala sobre isso, é que as pessoas efetivamente podem ficar conhecendo aquilo que tu pensa...

D – É verdade.

I – Tu tens alguma idéia sobre isso, te ocorreu em algum momento?

D – É, poder mostrar o que eu penso, do jeito que eu vejo, bem interessante.

I – Tu achas que fotografar a comunidade, de alguma maneira, contribuiu ou ajuda as pessoas a conhecerem melhor tanto a comunidade, como a conhecerem melhor a ti mesmo?

D – É, os dois, porque vão poder ver do jeito que eu vejo a comunidade, e também vão poder conhecer a comunidade melhor de outro jeito. (..) Eu pude registrar com meus próprios olhos os jeito que eu queria fotografar.

I – Dessas fotografias todas que estão aqui, tu conseguiria escolher uma ou mais que, pra ti, resumem o que é Água Mineral?

D – Ah, deixa ver.... Esta mata aqui. Porque aqui, falta saneamento básico, esta porque as pessoas conhecem o CIEP, de Água Mineral, o Orto, e o ônibus, que passa aqui, essa que dá pra ver Água Mineral e Colubandê, e essa outra novamente.

I – Tu gostarias de dar um nome pra cada uma das fotos que tu escolheste? Pode colocar atrás.

D – Como assim um nome?

I – Um título pra foto.

D – Descaso... Mentira, ou engano também... essa pode ser engano. Desperdício... A falta...

I – Entendo, esta falta. É muito mais que a falta do transporte, por si só, mas a falta do poder público, mesmo, do cuidado com a comunidade... é o que parece pela tua fala.

D – É.

I – Aqui na tua casa, o endereço é qual?

D – É rua Costa, nº 27 (*trocamos a rua e nº para manter o anonimato do entrevistado*), Colubandê.

I – Colubandê. Não aparece como Água Mineral... O que tu achas disso?

D – Eu acho que.... Água Mineral é mais por causa de um apelido, como as pessoas dizem, aí tem este nome, este apelido, Água Mineral, mas o bairro mesmo é Colubandê. Agora, seria bem legal se mudasse o nome pra Água Mineral, é difícil, né, mas não é impossível...

A insegurança... A beleza... O contraste... Foram quantas? Cinco?

I – Cinco.

D – Tá bom?

I – Tá bom?...

...RISOS...

I – Tem mais alguma que tu acha importante falar, comentar, discutir?

D - ...

I – Como tu acha que as pessoas se sentem morando num lugar, digamos assim, abandonado?

D – Se sentem (*faz expressão de indiferença*) Aqui não tem nada.... Pelo que eu vejo que as pessoas falam, morar num lugar que não tem nada, a pessoa se sente um nada.

I – Tem uma relação direta do lugar não ter nada, não oferecer nada, não receber nada também... com a pessoa se sentir assim.... nada?

D – Ah, acho que isso influencia muito né, não tem nada na comunidade... aí a pessoa tá em outro lugar aí “vamos lá em casa”, aí a pessoa fica até com receio de falar de sobre o lugar. Porque lá não tem nada para poder mostrar para a pessoa, para levar e ainda é mal falado. Se tivesse alguma coisa assim, de educação, aí poderia melhorar essa comunidade, esse lugar.

I – Eu estou achando super interessante porque aparece uma relação clara da forma como é o lugar da gente, o lugar onde a gente mora com a forma como a gente se sente...

D – É mesmo, influencia muito... por exemplo esse morro aí quando a gente acorda assim, isso dá como eu te falei, dá uma alegria na gente, a gente acorda, e nossa!!

I – O que acontece?

D - Ah, sei lá, mexe coma gente, né... É algo, assim, de dentro de cada um mesmo...

I – Então, mais algum comentário, quer falar de alguma foto mais, alguma coisa que esqueceu, passou batido, que tu pensaste enquanto estava fotografando e esqueceu de falar?

D - ...

I – Enquanto tu fotografavas, te ocorria alguma coisa? Como é que foi o fotografar mesmo, sair andando pela comunidade fotografando, isso te fez pensar na comunidade? O que te ocorreu enquanto fotografava?

D – Me deu várias idéias de mostrar como é que é... Achei interessante porque eu é quem estava fotografando... As pessoas perguntavam: tá fotografando? Tá trabalhando num jornal agora? Eu falava: não, é pra uma pesquisa, na comunidade... Então é isso, poder mostrar...

I – Alguém te viu fotografando, então?

D – Várias pessoas.

I – E o que as pessoas comentavam?

D – Ah, por exemplo, nesta parte aqui me perguntaram: vai consertar a rua? (*risos*) Falei: não, tô fazendo uma pesquisa das partes boas da comunidade, das partes ruins... Aí, as pessoas entendiam.

I – Alguém quis aparecer nas fotografias?

D – Ah, todo mundo queria fazer pose, aí eu falava: não, fica natural... (*risos*) tanto é que eles seguiram direitinho...

I – Por que tu achas que eles queriam aparecer nas fotografias?

D – Ah, sei lá, porque gostam né, de aparecer, quando vêm a câmera assim, logo querem aparecer.

I – E alguém te deu sugestões? Tipo, não esquece de fotografar isto ou aquilo? Ou só perguntavam se vai consertar?

D – É, nessa parte aqui perguntaram se ia consertar, aí eu brinquei, foi a Prefeitura que mandou eu vir aqui.... (*risos*) Ah, me deram sugestão de uma vala lá de cima... uma parte que sai a vala pra rua...

I – E pra ti, mudou alguma coisa?

D – Mudou, meu pensamento é de poder mostrar pras pessoas o jeito que eu penso...

Essa aqui é pior, porque tem as casas encostadas no valão, as pessoas passam aí na ponte, é um perigo.

I – Tu gostaria que mais pessoas fizessem esta atividade que tu fizeste?

D – Sim!! Pra poder botar em prática o seu pensamento... Eu te dei a minha opinião aqui, mas a opinião do meu colega pode ser diferente da minha, com certeza vai ser diferente. Vai ter algo que eu não sabia que ele vai poder me mostrar, e eu vou poder entender o jeito que ele pensa.

I – Que interessante...

D – Interessante mesmo, devia ter mais pessoas fotografando, ia ser bem legal.

I – Mais alguma coisa que tu queres falar?

D – Acho que não...

I – Eu estou super satisfeita, achei muito legal o teu trabalho.

D – Gostou?

I – Sim, porque ele respondeu muito sobre as coisas que eu venho pensando, muito obrigado.